



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**INFLUÊNCIA DO ESTILO PARENTAL NOS NÍVEIS DE
ANSIEDADE SOCIAL E AUTOESTIMA EM
ADOLESCENTES**

DIANA ISABEL TERESO FERREIRA

Orientador de Dissertação:

PROF. DOUTOR CSONGOR JUHOS

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTOR CSONGOR JUHOS

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado sob a orientação do
Prof. Doutor Csongor Juhos, apresentada
no ISPA – Instituto Universitário para obtenção
de Grau Mestre na especialidade de Psicologia
Clínica.

“Começo a conhecer-me. Não existo.
Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram (...)”

Álvaro de Campos

Resumo

Enquadramento: Os estilos parentais influenciam o desenvolvimento da criança e do adolescente, podendo ser um fator protetor ou de risco para a sua saúde mental. A literatura tem mostrado que existe uma relação entre os estilos parentais (democrático, autoritário, permissivo, negligente) e a ansiedade social e autoestima das crianças e adolescentes. Esta investigação tem como principal objetivo perceber de que forma cada estilo parental influencia o nível de ansiedade social e autoestima numa amostra de adolescentes. **Metodologia:** Nesta investigação participaram 73 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. Foram utilizados os seguintes instrumentos: Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP); Escala de Ansiedade Social para Adolescentes (SAS-A); Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES). **Resultados:** Tendo em conta os resultados, verifica-se que: (1) o estilo autoritário leva a um nível mais elevado de ansiedade social, enquanto o estilo negligente leva a um menor nível; o estilo permissivo leva a níveis mais elevados de autoestima, enquanto o estilo autoritário leva a níveis mais reduzidos; (2) o estilo autoritário leva a maiores níveis de ansiedade social nas três subescalas; (3) as raparigas apresentam maiores níveis de ansiedade social e menores níveis de autoestima do que os rapazes; (4) o nível de ansiedade social é mais elevado no 8º ano e mais reduzido no 10º ano; o nível de autoestima é mais elevado no 10º ano e mais reduzido no 7º ano; (5) existem diferenças na perceção do estilo parental nos dois grupos etários; (6) viver com a mãe leva a maiores níveis de ansiedade social e menores níveis de autoestima do que viver com família alargada.

Palavras-Chave: Estilo Parental, Adolescência, Ansiedade Social, Autoestima

Abstract

Background: Parenting styles influence the development of children and adolescents and may be a protective or risk factor for their mental health. The literature has shown that there is a relationship between parenting styles (authoritative, authoritarian, permissive, negligent) and the social anxiety and self-esteem of children and adolescents. This research aims to understand how each parenting style influences the level of social anxiety and self-esteem in a sample of adolescents. **Methodology:** 73 adolescents aged 12 to 18 years participated in this research. The following instruments were used: Parental Educational Styles Questionnaire (QEEP); Social Anxiety Scale for Adolescents (SAS-A); Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES). **Results:** Given the results, it appears that: (1) the authoritarian style leads to a higher level of social anxiety, while the negligent style leads to a lower level; permissive style leads to higher levels of self-esteem, while authoritarian style leads to lower levels; (2) authoritarian style leads to higher levels of social anxiety in all three subscales; (3) girls have higher levels of social anxiety and lower levels of self-esteem than boys; (4) the level of social anxiety is highest in grade 8 and lowest in grade 10; the level of self-esteem is highest in grade 10 and lowest in grade 7; (5) there are differences in the perception of parenting style in both age groups; (6) living with a mother leads to higher levels of social anxiety and lower levels of self-esteem than living with an extended family.

Keywords: Parental Style, Adolescence, Social Anxiety, Self Esteem

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	2
1. Adolescência	2
1.1. Autonomia	3
1.2. Importância da vinculação	3
2. Estilos Parentais	4
2.1. Exigência e Responsividade	5
2.2. Consequências para os filhos	6
2.3. Perceção dos estilos parentais ao longo da adolescência	7
3. Agregado Familiar	8
4. Ansiedade Social	9
4.1. Subtipos de ansiedade social	10
4.2. Quando surge?	10
4.3. Vinculação e ansiedade	10
4.4. Influência dos estilos parentais na ansiedade social	10
5. Autoestima	12
5.1. Vinculação e autoestima	13
5.2. Relação com a mãe	13
5.3. Relação com o pai	14
5.4. Como são vistos pela família	15
5.5. Diferenças de género	15
5.6. Influência dos estilos parentais na autoestima	16
6. Conceptualização da Investigação Empírica	18
6.1. Introdução	18
6.2. Objetivos e Hipóteses da Investigação Empírica	18
MÉTODO	20
1. Desenho da Investigação	20
2. Amostra	20
3. Procedimento	20
4. Instrumentos	21
4.1. Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP)	21

4.2. Escala de Ansiedade Social para Adolescentes (SAS-A)	22
4.3. Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES)	23
5. Análise Quantitativa de Dados	23
RESULTADOS	26
1. Instrumentos	26
1.1. Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP)	26
1.2. Escala de Ansiedade Social para Adolescentes (SAS-A)	26
1.3. Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES)	27
2. Testando Hipóteses	27
2.1. Análise da influência de cada estilo parental no nível de ansiedade social e autoestima dos adolescentes	27
2.2. Análise da forma como cada estilo parental afeta as várias subescalas da ansiedade social	28
2.3. Análise da Interação e Efeitos Principais entre o Género e Estilos Parentais no nível de Autoestima e Ansiedade Social	29
2.4. Análise do efeito do ano de escolaridade nos níveis de autoestima e ansiedade social	30
2.5. Perceção do Estilo Parental por Género e Grupo Etário	30
2.6. Análise da Influência do Agregado Familiar no nível de Autoestima e Ansiedade Social	31
DISCUSSÃO	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	43

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo A – Pedido de autorização à escola	44
Anexo B – Pedido de autorização aos Encarregados de Educação	45
Anexo C – Questionário Sociodemográfico	46
Anexo D – Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP)	47
Anexo E – Escala de Ansiedade Social para Adolescentes (SAS-A)	49
Anexo F – Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES)	50
Anexo G – Estatística Descritiva	51
Anexo H – Outputs relativos à Validade Interna e à Fiabilidade, de cada um dos três instrumentos em estudo	56
Anexo I – Outputs relativos aos Testes Estatísticos	66

INTRODUÇÃO

“Começo a conhecer-me. Não existo. Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram (...)”. Estes versos de Álvaro de Campos poderiam fazer parte de um livro acerca da adolescência e do que é ser adolescente. A procura da identidade, de quem são, de quem gostariam de ser, todas estas são questões às quais os adolescentes tentam dar uma resposta. Quando o Eu não é capaz de satisfazer o Ideal do Eu, isso gera um grande sentimento de frustração no adolescente, que pode ter como consequência a agressividade e a raiva (Dias & Vicente, 1984, p. 71).

Segundo Dias e Vicente (1984, p. 35), “um adolescente é alguém que já não é criança e que ainda não é adulto”. Erikson (1976, p. 161) refere que todas as identificações que o adolescente teve no passado contribuem para a sua “identidade final”. Para Bowlby (1989, p. 72), o desenvolvimento da personalidade é influenciado pela forma como o jovem foi tratado pelas figuras parentais, desde a infância até à adolescência.

Existem vários estudos que analisaram a relação entre estilos parentais e ansiedade social em crianças e em adolescentes, sendo que os últimos estão em menor número. Porém, alguns dos estudos mais recentes com amostras de adolescentes foram realizados na Ásia. Também existem alguns estudos acerca da relação entre estilos parentais e autoestima em adolescentes. Porém, estes estudos focam-se apenas na análise de uma variável dependente (ansiedade social ou autoestima). Assim, a presente investigação é pioneira, no sentido em que pretende analisar a influência da variável independente (estilo parental) nas duas variáveis dependentes em simultâneo.

Tendo por base a classificação de estilos parentais proposta por Baumrind (1991), que propõe a existência dos estilos democrático, autoritário, permissivo e negligente, o objetivo desta investigação é perceber de que forma cada um dos estilos parentais influencia o desenvolvimento do adolescente, no que se refere aos seus níveis de autoestima e de ansiedade social. Por outras palavras, qual é a avaliação que o adolescente faz de si mesmo e qual o seu nível de preocupação em relação ao modo como as outras pessoas o veem? Para responder a estas questões, será tido em consideração o estilo parental das figuras parentais do adolescente.

É esperado que existam diferenças no modo como cada um dos quatro estilos parentais influencia os níveis de ansiedade social e autoestima nos adolescentes.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. ADOLESCÊNCIA

É na infância que o indivíduo começa a valorização, ou não, do seu *Self*, através da forma como os pais, que são os primeiros objetos, o veem: se é bonito ou feio, burro ou inteligente, se tem olhos bonitos. Se os pais sentem que a criança não corresponde ao filho idealizado, isso vai ter consequências para a mesma (Matos, 2001, p. 268).

Na puberdade dá-se o reaparecimento da libido e da agressividade, que se tinham atenuado durante o período de latência. Com todas as transformações físicas que ocorrem nesta fase, podem surgir crises narcísicas, já que o jovem se sente angustiado com o seu corpo. Estas crises narcísicas podem ser acompanhadas por uma diminuição da autoestima e vários tipos de inibição (Dias & Vicente, 1984, p. 35).

“A adolescência é a idade da dúvida reflexiva e da especulação filosófica, da definição de uma identidade própria e da abertura a uma perspectiva pessoal” (Matos, 2001, p. 286). Nesta fase, quando existe retraimento por parte do jovem, isto é sinal de um mecanismo de defesa e indica que algo não está bem. No caso de o adolescente ter sido bem investido pelos pais no passado, e caso tenha uma boa imagem de si mesmo, não necessita de fazer essa retração narcísica (Matos, 2001, p. 270).

Quando na infância existiu uma relação saudável entre pais e filho, a adolescência não será uma fase de grandes conflitos entre o jovem e os pais, ao contrário do que acontece quando a relação infantil não foi boa (Matos, 2001, p. 276).

Blos (1985, p. 15) refere-se à adolescência como sendo um segundo passo para a individuação, tendo o primeiro passo sido dado no segundo ano de vida, quando a criança distingue o “eu” do “não-eu”. Para que o adolescente consiga construir a sua identidade, é preciso que passe pelas fases de “existência fragmentada” e “autoconsciência”. É normal que esta etapa de individuação do jovem seja acompanhada pelo sentimento de confusão, solidão ou isolamento. É durante a adolescência que o jovem tem consciência que os sonhos que tinha na infância são irreais.

Durante a formação da sua identidade, o adolescente pode sentir uma confusão de papéis, que pode ser vista como “um jogo social”. Isto deve-se ao facto de ser importante para o jovem que haja “experimentação lúdica na fantasia e na introspeção” (Erikson, 1976, p. 163). Segundo Erikson (1976, p. 161), no final da adolescência o jovem já construiu a sua identidade, e esta “identidade final” é resultado de todas as identificações com sujeitos do passado.

1.1 Autonomia

Steinberg e Silverberg (1986), investigaram três aspetos relativos à autonomia na adolescência – resistência à pressão dos pares, autonomia emocional na relação com os pais e percepção de autoconfiança.

Sabe-se que na passagem da infância para a adolescência, a dependência dos pais é substituída pela dependência dos pares. Isto leva a que os jovens comecem a ser mais autónomos emocionalmente em relação aos pais, já que passa a existir uma desidealização das figuras parentais, e é formado o sentido do *self*. No que se refere à influência dos pares, os adolescentes mais jovens apresentam mais autonomia emocional em relação aos pares do que os adolescentes mais velhos (Steinberg & Silverberg, 1986).

Em relação às diferenças de género, os resultados revelaram que as raparigas são mais autónomas do que os rapazes, sendo mais resistentes à pressão dos pares, mais autónomas a nível emocional e veem-se como mais autoconfiantes. Para as raparigas, a autoconfiança relaciona-se com a resistência à pressão dos pares e a autonomia emocional. Porém, as adolescentes que se consideram autoconfiantes são autónomas em relação aos pares, mas menos autónomas na relação com os seus pais (Steinberg & Silverberg, 1986)

1.2. Importância da vinculação

Vários estudos mostram que, para um adulto ou um adolescente ser saudável e autoconfiante, é importante que tenha tido pais disponíveis, enquanto criança (Bowlby, 1989, p. 18). O autor salienta a importância de uma base segura, que permita à criança descobrir o mundo exterior sabendo que, no caso de ter medo ou precisar de encorajamento, os pais estão disponíveis para acolhê-la (Bowlby, 1989, p. 25).

De acordo com Bowlby (1989, p. 72), o modo como as figuras parentais trataram o filho durante a infância e adolescência, tem bastante influência no desenvolvimento da personalidade. Isto deve-se ao facto de ser durante a infância que se formam modelos, seja em relação ao mundo ou ao modo como as pessoas a quem a criança se vincular vão agir com ela. Estes modelos continuam a estar presentes durante a vida, a um nível inconsciente, e refletem a forma como o indivíduo era tratado pelos pais.

Em 1971, Ainsworth et al. (cit. por Bowlby, 1989) referem que existem três modelos de vinculação: 1) segura; 2) resistente e ansiosa; 3) ansiosa com evitação. Na vinculação segura, o

sujeito sabe que pode contar com as figuras paternas caso necessite de ajuda, e essa segurança é importante para se aventurar a descobrir o mundo. Por outro lado, na vinculação resistente e ansiosa, o indivíduo não tem a certeza se os seus pais estão disponíveis para ajudá-lo, e isso leva a uma ansiedade de separação e na exploração do mundo. Por último, no apego ansioso com evitação, o sujeito espera a rejeição dos seus pais se procurar o cuidado deles, o que pode levar o indivíduo a querer ser autossuficiente a nível emocional.

2. ESTILOS PARENTAIS

Baumrind (1966, 1978) mencionou três tipos de controlo parental: permissivo, autoritário e democrático.

Os pais permissivos aceitam os desejos ou ações do filho, não são punitivos e evitam controlar, sendo a criança quem regula as suas atividades. Alguns são bastante amorosos e protetores, outros fogem da sua responsabilidade em relação ao desenvolvimento dos filhos, dando-lhes liberdade.

Pelo contrário, os pais autoritários controlam e avaliam as atitudes e comportamento dos filhos, baseando-se num modelo de conduta, dão valor à obediência, restringem a autonomia, e são punitivos sempre que a sua vontade colide com o desejo da criança, já que é a palavra dos pais que é certa.

Os pais democráticos exercem controlo firme quando os filhos desobedecem, explicando as suas ideias e raciocínio, valorizam a autonomia e a disciplina, reconhecem as qualidades da criança, e estabelecem normas para conduta futura.

Em 1967, Baumrind (cit. por Steinberg, Darling, Fletcher, Brown & Dornbusch, 1995) refere-se à parentalidade democrática como um conjunto de valores, crenças e práticas parentais, dos quais fazem parte a aceitação, calor, controlo comportamental firme, envolvimento estruturado e a procura de maturidade. Para Baumrind (1991), os pais democráticos contribuem para que o desenvolvimento biopsicossocial da criança seja melhor, já que são promotores da autoconfiança, autonomia, autocontrolo, responsabilidade e assertividade. Por outro lado, filhos de pais autoritários são mais dependentes, inseguros e agressivos, tendo dificuldade em regular as suas emoções (Baumrind, 1967, 1971). O estilo parental permissivo prejudica o desenvolvimento social e académico das crianças, uma vez que estas são imaturas, dependentes, apresentam baixos níveis de autonomia, autocontrolo e autoconfiança (Baumrind, 1967, 1971).

2.1. Exigência e Responsividade

A exigência refere-se às reivindicações feitas aos filhos para que estes se integrem na sociedade, pedindo-lhes maturidade e controlo comportamental, confrontando-os e supervisionando as suas ações. A responsividade inclui a comunicação fundamentada, apoio à autonomia e afeto (Baumrind, 2005).

Através destas duas dimensões do comportamento parental – exigência e responsividade, Baumrind (1991) criou uma classificação de quatro estilos parentais: democrático, autoritário, permissivo e rejeitante-negligente.

Os pais democráticos são responsivos e exigentes. São assertivos, mas não restringem os filhos nem são intrusivos. Desejam que eles possuam autorregulação, que sejam assertivos e responsáveis a nível social, transmitindo-lhes padrões em relação à conduta que devem ter. Em termos disciplinares, recorrem mais ao suporte do que à punição.

Por outro lado, os pais autoritários não são responsivos, mas são exigentes e diretivos. Para eles, os filhos devem obedecer à suas ordens sem questionar. Fornecem um conjunto de regras e um ambiente organizado, ao mesmo tempo que supervisionam as atividades dos seus filhos.

Os pais permissivos ou não diretivos são mais responsivos do que exigentes. Permitem que haja uma autorregulação por parte dos filhos, não exigem um comportamento maduro, são tolerantes e evitam o confronto.

Por fim, os pais rejeitantes-negligentes não são responsivos nem exigentes. Não apoiam nem supervisionam, podendo rejeitar as suas responsabilidades de criar os filhos (Baumrind, 1991).

No seu estudo, Steinberg e colaboradores (1995), definiram as categorias parentais apenas com base nas dimensões de rigor e calor. Porém, aperceberam-se de outras diferenças nas relações entre pais e filhos nos quatro estilos parentais: os pais democráticos, além de serem firmes e calorosos, tomam decisões em conjunto, mantêm a família organizada através de rotinas e envolvem-se mais na educação dos seus filhos; os pais autoritários, além do alto controlo e do baixo afeto, tomam decisões sozinhos, são mais coercivos e envolvem-se menos na educação dos filhos; além de muito calorosos e pouco controladores, os pais permissivos deixam que seja o adolescente a tomar as decisões e não possuem organização familiar; os pais negligentes obtiveram pontuações baixas em todas as medidas de funcionamento da família.

2.2. Consequências para os filhos

No que se refere aos problemas de comportamento, escolaridade, ajustamento psicossocial e angústia internalizada, os adolescentes apresentam resultados diferentes consoante o estilo parental dos seus pais. Os filhos de pais democráticos são mais competentes, confiantes no que se refere às suas competências, e menos problemáticos. Pelo contrário, os filhos de pais negligentes são menos competentes, possuem maior sofrimento psicológico e são mais problemáticos. No caso de jovens com pais autoritários, são mais obedientes, bons alunos, não se envolvem tanto em atividades desviantes, porém, por serem dominados pela obediência, não são tão autoconfiantes, tanto no que se refere às competências académicas como às sociais. Por fim, os adolescentes cujos pais são permissivos envolvem-se mais em comportamentos desviantes, como má conduta escolar, drogas e álcool, mas apesar disso, são autoconfiantes e competentes socialmente. Assim, na investigação realizada por Steinberg e colaboradores (1995), concluiu-se que o estilo parental democrático é o que apresenta mais vantagens para os jovens em termos de competência académica, psicossocial, comportamentos desviantes e angústia internalizada.

Em 2013, Baumrind (cit. por Pinquart, 2017) fez a distinção entre o tipo de controlo utilizado pelos pais democráticos e autoritários. Enquanto os primeiros recorrem ao controlo confrontativo (negociável, racional e direcionado para comportamentos específicos dos filhos que os pais querem que sejam modificados), os pais autoritários utilizam o controlo coercivo (intrusivo, arbitrário, apresentando um comportamento dominador). Assim, o poder confrontativo admite a negociação e o raciocínio, ao contrário do controlo coercivo, que tem como base as ameaças.

Com as suas características controladoras e punitivas, o estilo autoritário leva a que a criança não se sinta tão importante como pessoa nem como elemento da família, e, conseqüentemente, isso afeta o seu apreço e consideração por si própria. Por outro lado, a parentalidade democrática permite que a criança participe nas decisões familiares, sentindo-se desta forma valorizada como pessoa e pertencente à família (Buri, Louiselle, Misukanis & Mueller, 1988).

Na relação pai-adolescente, há várias dimensões que podem influenciar a saúde e desenvolvimento do adolescente, assim como apresentar ou não comportamentos de risco: aceitação vs rejeição, autonomia vs controlo, afetividade vs frieza, envolvimento vs negligência, estrutura vs caos (Skinner, Johnson & Snyder, 2005, cit. por Newman, Harrison, Dashiff & Davies, 2008).

Pinquart (2017) realizou uma meta-análise cujo foco são as associações entre a parentalidade e os sintomas internalizados nas crianças e adolescentes, como queixas somáticas, sintomas depressivos, ansiedade e afastamento social. De acordo com as associações negativas entre responsividade, exigência parental e sintomas internalizados, colocou-se como hipótese que o estilo parental democrático leva a níveis mais baixos de sintomas internalizados, e o permissivo a níveis médios, enquanto os estilos negligente e autoritário contribuem para níveis elevados. Os resultados mostram que a concessão de autonomia, afeto, supervisão e parentalidade democrática diminuem os sintomas internalizados ao longo do tempo, ao contrário do controlo psicológico e severo, que aumenta os sintomas. Os estilos parentais negligente e autoritário relacionam-se com níveis elevados de sintomas internalizados. Em relação ao estilo permissivo, não se observaram associações com os sintomas internalizados, o que indica que apesar da falta de supervisão, esta é compensada pelo afeto parental.

2.3. Perceção dos estilos parentais ao longo da adolescência

O Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP) foi adaptado à população portuguesa em 2006, por Ducharne, Cruz, Marinho e Grande. A amostra foi constituída por adolescentes do 7º ano ao 12º ano. Quase metade dos participantes (45,4%) classificou os pais como tendo um estilo parental democrático, valor superior ao da amostra americana (32,3%). Em seguida, aparece o estilo parental negligente (33,1%), tendo um valor semelhante à amostra americana (37,3%). Tendo em conta que este estilo se associa a maus tratos e situações de risco, é necessário estar alerta a este número tão elevado de adolescentes que consideram os pais como negligentes. As autoras colocam algumas hipóteses que podem explicar este resultado: nas famílias portuguesas, tanto o pai como a mãe passam muito tempo fora de casa, devido à atividade laboral, e isso leva a que os adolescentes sintam que eles exercem pouco controlo e que estão pouco disponíveis para lhes dar afeto. O estilo permissivo (10,9%) e autoritário (10,6%) são os menos frequentes, tal como nos Estados Unidos (15,0% e 15,4%).

Analisando as diferenças entre rapazes e raparigas, verifica-se que os rapazes consideram mais os seus pais como permissivos e negligentes, ao contrário das raparigas, que os veem mais como democráticos. Isto pode ser explicado pelo facto de ser dada maior autonomia aos rapazes devido aos estereótipos sexuais, levando a que estes se sintam menos controlados pelos pais (Ducharne et al., 2006).

Em 2011, Soares e Almeida realizaram um estudo com adolescentes do 7º ano, que responderam ao Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP), voltando a responder ao mesmo quando estavam no 9º ano. Os resultados mostram que as médias das dimensões “aceitação” e “monitorização” são mais elevadas no 7º ano, o que revela que no início da adolescência, os jovens sentem que os seus pais são mais responsivos e mais controladores. O estilo parental mais frequente no 7º ano é o democrático, seguido do negligente, e o menos frequente é o permissivo. No 9º ano, passa a haver um equilíbrio entre os estilos democrático e negligente, sendo os mais frequentes. Em relação às diferenças de sexo, as raparigas veem mais os seus pais como democráticos, enquanto os rapazes os consideram mais negligentes.

3. AGREGADO FAMILIAR

Além da família tradicional, na qual os filhos vivem com os pais, existem outras configurações de famílias. Para esta investigação, interessa-nos analisar a família monoparental e a família alargada.

Na família monoparental, o adolescente vive apenas com um dos progenitores. Estudos realizados com famílias monoparentais mostram que as crianças podem apresentar sintomas depressivos, e isso deve-se a fatores como o baixo suporte social, baixo nível socioeconómico e elevados níveis de stress. Nestas famílias, o pai/mãe podem não conseguir estar tão disponíveis para os filhos nem conseguir acompanhá-los, devido às responsabilidades acrescidas que possui. Além disso, filhos de pais separados podem ter baixa autoestima, sintomas de ansiedade e problemas emocionais, devido a todo o conflito e processo de separação entre os pais (Cardoso, 2008).

Segundo Caniço (2010), na família alargada “coabitam ascendentes, descendentes e/ou colaterais por consanguinidade ou não, para além de progenitor(es) e/ou filho(s)”. Estudos realizados tendo os avós como co-residentes apontam para menos comportamentos desviantes nas crianças, e uma menor prevalência de sintomas depressivos. Além de poderem ajudar a família a nível financeiro, os avós podem ajudar a cuidar das crianças, sendo uma fonte de suporte. Porém, caso estejam dependentes a qualquer nível e necessitem de cuidados especiais, a disponibilidade de tempo para a criança não é tão grande (Hamilton, 2005).

4. ANSIEDADE SOCIAL

Para Gouveia (2000, p. 17), a ansiedade desempenha funções importantes em diversas situações no nosso dia a dia. É comum o ser humano experienciar ansiedade nas situações sociais, mas se esta apresentar um grau leve, não prejudica o funcionamento social do sujeito. Porém, há sujeitos que possuem um grau tão elevado de ansiedade em situações sociais, que esta tem consequências no seu desempenho.

A ansiedade social ocorre sempre que o indivíduo se preocupa pela forma como é visto e avaliado pelos outros (Leary & Kowalski, 1995).

Segundo Holt, Heimberg, Hope e Liebowitz (1992, cit. por Leary & Kowalski, 1995), existem quatro tipos de situações que causam ansiedade social: 1) situações em que se fala e interage formalmente, como falar para uma audiência; 2) falar e interagir informalmente, como ir a uma festa ou conhecer estrangeiros; 3) interações que requerem um comportamento assertivo, como expressar desagrado ou falar com figuras de autoridade; 4) observações do comportamento, como comer em frente a outras pessoas ou ser observado enquanto se trabalha.

Além destas situações, a ansiedade social também pode ocorrer quando as pessoas estão sozinhas, mas estão preocupadas com a forma como podem ser vistas pelos outros numa interação futura. Isto significa que a ansiedade relativa às interações sociais pode ser sentida através da imaginação das mesmas (Leary & Kowalski, 1995). Os autores dão um exemplo de alguém que se sente nervoso por saber que vai assistir a um torneio de golfe e existe a possibilidade de conhecer o seu ídolo.

A ansiedade envolve pensamentos de preocupação ou apreensão, por exemplo ruminar sobre como se preparar para falar em público, ao mesmo tempo que existe a preocupação acerca do que as pessoas vão achar do seu desempenho. Além disso, a ansiedade vem acompanhada de sintomas somáticos, como o coração a acelerar ou as mãos suadas, e sentimentos desagradáveis, como ficar tenso, nervoso, deprimido ou com raiva. Também é comum que o sujeito queira evitar ou fugir das situações que lhe provocam ansiedade, por exemplo evitar situações sociais. (Leary & Kowalski, 1995).

Assim, algumas vezes a ansiedade social pode ser antecipatória (ficar ansioso por uma situação que pode ocorrer), e outras vezes reativa (depois de a situação ter ocorrido) (Leary & Kowalski, 1995).

4.1. Subtipos de ansiedade social

De acordo com o DSM-IV, existem dois subtipos de fobia social: 1) generalizada, quando o indivíduo apresenta receio de sentir humilhação, embaraço ou de ser avaliado de forma negativa na maioria das situações sociais, quer seja falar com pessoas conhecidas ou com estranhos; 2) não generalizada, que ocorre apenas em algumas situações sociais, por exemplo quando se fala em público (Gouveia, 2000, p. 24).

4.2. Quando surge?

Quando as perturbações de ansiedade se iniciam na adolescência, isso tem consequências para o jovem a nível social, psicológico e biológico, uma vez que é na adolescência que o “eu” se consolida (Gomes, Badaró & Lourenço, 2014). De acordo com vários estudos, a ansiedade social surge no final da infância e prolonga-se durante a adolescência, sendo muito raro que se inicie depois dos 25 anos (Wittchen & Fehm, 2003; Kessler et al., 2005; Beesdo et al., 2007, cit. por Gomes et al., 2014).

4.3. Vinculação e ansiedade

Vários estudos analisaram a relação entre o estilo de vinculação e os sintomas internalizados e externalizados em adolescentes e crianças. Os resultados revelam que a vinculação insegura se associa ao desenvolvimento de perturbações de ansiedade, tal como aos sintomas depressivos e comportamentos disruptivos (Roelofs, Meesters, Ter Huurne, Bamelis & Muris, 2006).

4.4 Influência dos estilos parentais na ansiedade social

Os estilos parentais podem ter influência na manifestação ou não de sintomas de ansiedade. No caso de estilos parentais controladores, a criança sente-se mais dependente e apresenta inseguranças em relação à sua competência. Adultos com ansiedade social referem

que os seus pais foram controladores ou superprotetores, e pouco afetuosos (Arrindell, Emmelkamp & Monsma, 1983; Arrindell, Kwee & Methorst, 1989; Parker, 1979; Parker, Roussos & Hadzi-Pavlovic, 1997, cit. por Chavira & Stein, 2005).

Um adolescente que tenha pais excessivamente controladores, não é capaz de desenvolver tanto a sua autonomia, o que faz com que fique ansioso numa situação que requeira novas competências. No caso de ter pais ausentes, alienados, o jovem apresenta dificuldades em vincular-se às outras pessoas, o que pode levar a alguma perturbação de ansiedade (Gomes et al., 2014).

Na revisão de literatura realizada por Besteiro e Quintanilla (2017), verificou-se que o estilo autoritário está relacionado com a ansiedade infanto-juvenil, ou seja, leva a maiores níveis de sintomas internalizados ou ansiedade. Também se observou uma relação entre aceitação e afeto com menores níveis de ansiedade ou sintomas internalizados, enquanto o controlo excessivo e a rejeição contribuem para maiores níveis de ansiedade.

Seguidamente, serão apresentados alguns estudos dos últimos anos, que tiveram como objetivo analisar a relação entre estilos parentais e ansiedade social:

1: Rana, Akhtar e Tahir (2013) estudaram a relação entre estilos parentais e ansiedade social em adolescentes no Paquistão. Verificaram que existe uma relação significativa entre estilos parentais e ansiedade social, sendo os estilos autoritário e negligente os que predizem ansiedade social. Os resultados também mostram que as raparigas apresentam um nível mais elevado de ansiedade social.

2: Ghazwani, Khalil e Ahmed (2016) analisaram quais são os fatores de risco dos estilos parentais que contribuem para a ansiedade social em adolescentes sauditas do sexo masculino. Concluíram que a proteção exagerada, a raiva, as críticas e os maus tratos são fatores de risco para que o jovem desenvolva ansiedade social.

3: Xu, Ni, Ran e Zhang (2017) investigaram o modo como os estilos parentais podem afetar a ansiedade social em adolescentes pertencentes a famílias migrantes da China. Em relação aos resultados, existe uma relação positiva entre a rejeição ou superproteção parental e a ansiedade social. Por outro lado, o suporte emocional apresenta uma relação negativa com a ansiedade social.

4: Yaffe (2017) focou-se na relação dos estilos parentais com três tipos de ansiedade em crianças dos 11 aos 13 anos: social, de separação e escolar. Observou que os pais que não promovem a autonomia dos filhos, contribuem para maiores níveis de ansiedade de separação e na escola. Além disso, os pais autoritários causam mais ansiedade aos filhos do que os pais cujo estilo é democrático.

5. AUTOESTIMA

O que é a autoestima? Para Rosenberg (1965), é a atitude que o indivíduo tem em relação ao eu/*self*, que pode ser positiva ou negativa. A autoestima não implica que o indivíduo se sinta superior aos outros, mas sim que se aceite e tenha uma atitude positiva em relação a si mesmo.

Segundo Coopersmith (1967, cit. por Gobitta & Guzzo, 2002), a autoestima é “*a avaliação que o indivíduo faz, e que habitualmente mantém, em relação a si mesmo. Expressa uma atitude de aprovação ou desaprovação e indica o grau em que o indivíduo se considera capaz, importante e valioso. Em suma, a autoestima é um juízo de valor que se expressa mediante as atitudes que o indivíduo mantém em face de si mesmo. É uma experiência subjetiva que o indivíduo expõe aos outros por relatos verbais e expressões públicas de comportamentos.*”

Em 1989, o autor refere que as “crianças não nascem preocupadas em serem boas ou más, espertas ou estúpidas, amáveis ou não. Elas desenvolvem estas ideias. Elas formam auto-imagens... baseadas fortemente na forma como são tratadas por pessoas significantes, os pais, professores e amigos.” Num estudo realizado em 1967, Coopersmith concluiu que o relacionamento que a criança estabelece com os adultos importantes tem impacto na formação do “eu”. A autoestima da criança pode melhorar se: **1)** os seus valores pessoais, sentimentos e pensamentos forem aceites; **2)** os pais não a humilharem ou não forem violentos ou autoritários de forma a manipular e controlar; **3)** os pais tiverem expectativas elevadas em relação ao desempenho e comportamento da criança; **4)** estiver num contexto no qual haja limites definidos, mas que não oprimam (Gobitta & Guzzo, 2002).

A literatura refere que as crianças em idade pré-escolar têm uma visão de si próprias inflacionada, uma vez que se avaliam de forma mais positiva do que às outras crianças (Robins et al., 2002; Stipek & Tannatt, 1984, cit. por Orth, Erol & Luciano, 2018). Entre os quatro e os oito anos, devido aos avanços cognitivos e à comparação social, a criança começa a ter mais noção das suas competências, o que leva a um decréscimo na sua autoestima (Harter, 2006; Ruble et al., 1980; Stipek & Tannatt, 1984, cit. por Orth et al., 2018).

Susan Harter teve uma contribuição importante no estudo da autoestima durante a infância e adolescência. De acordo com a autora, a transição para a adolescência traz consigo uma diminuição da autoestima, que pode dever-se a todas as mudanças da puberdade e à comparação social, que assume um papel importante nesta fase. A meio da adolescência, como existe um maior controlo, autonomia e possibilidade de escolher os grupos de amigos, a autoestima começa a ser recuperada (Harter, 2006).

Se um adolescente possuir elevada autoestima, isso não significa que se valorize totalmente, pois pode não se sentir competente em todas as áreas. Porém, acredita no seu valor e na sua competência, lidando bem com os desafios. É também mais autônomo e independente (Assis & Avanci, 2004).

Por outro lado, um jovem com baixa autoestima sente-se inferior aos outros e não valoriza os comentários positivos que as pessoas lhe fazem. É sensível às críticas, isola-se mais, é mais inseguro e vulnerável (Assis & Avanci, 2004).

5.1. Vinculação e autoestima

Num estudo realizado com adolescentes (média de idade de 18 anos), os autores verificaram que a vinculação aos pais e aos pares se relaciona com a autoestima do adolescente. O tipo de vinculação estabelecido com os pais está diretamente relacionado com a autoestima, ou seja, uma vinculação segura leva a que o adolescente apresente níveis mais elevados de autoestima do que uma vinculação insegura (Laible, Carlo & Roesch, 2004). Estes resultados vão ao encontro do que é sugerido pelos teóricos da vinculação, que defendem que para construir um modelo saudável do *self*, é muito importante estabelecer uma vinculação segura com os pais (Allen & Land, 1999; Harter, 1990, cit. por Laible et al., 2004).

Em relação às diferenças de género, Laible et al. (2004) observaram que no final da adolescência, os fatores que influenciam a autoestima são diferentes. Enquanto nos rapazes a vinculação aos pais se relaciona diretamente com a autoestima, para as raparigas os comportamentos sociais e influências indiretas são preditores mais fortes da autoestima.

5.2. Relação com a mãe

De acordo com Coopersmith (1967, cit. por Assis & Avanci, 2004), os adolescentes com elevada autoestima têm uma relação positiva com a mãe, sendo que esta é mais equilibrada, estimula a independência do filho e dá respostas esclarecedoras. Pelo contrário, se o jovem possui baixa autoestima, a mãe é mais instável a nível emocional. No estudo realizado por Assis e Avanci (2004), quanto menor é a autoestima do adolescente, mais complexa é a relação com a mãe. Jovens com baixa autoestima referem que quando há um conflito, a mãe não entende o ponto de vista do filho nem consegue debater com calma acerca das diferenças.

Em relação aos jovens com elevada autoestima, referem ter uma boa relação com a mãe, estando presentes o prazer e o afeto. Na base da relação está o respeito, diálogo, estabelecimento

de limites e proximidade, sendo que os adolescentes obedecem mais e não há discussões tão graves (Assis & Avanci, 2004).

Adolescentes com valores médios de autoestima também relatam que possuem uma boa relação com a mãe, havendo afeto, diálogo e proximidade (Assis & Avanci, 2004).

Muitas vezes, os conflitos familiares são resolvidos recorrendo às agressões físicas. No estudo de Assis e Avanci (2004), todos os grupos de adolescentes referiram que existe violência física entre “mãe e filhos”, porém, foi o grupo com baixa autoestima que mais referiu as agressões físicas, como empurrões ou bofetadas. Quanto mais baixa a autoestima do adolescente, maior a probabilidade de ter sido vítima de violência no último ano, quer através de agressões com murros ou recorrendo ao uso de objetos.

Alguns jovens referem que não se sentem valorizados pelos pais, uma vez que estes só olham para o lado negativo, nunca os elogiam nem são compreensivos para com eles (Assis & Avanci, 2004).

5.3. Relação com o pai

Os resultados da investigação de Assis e Avanci (2004), mostram que a maioria dos adolescentes refere ter uma boa relação com o pai (72,1% no grupo de elevada autoestima e 60,2% no grupo de baixa autoestima).

No grupo de jovens com elevada autoestima, estes valorizam atitudes que o pai tem com eles, tais como: aconselhar; demonstrar interesse; tratar bem; querer ajudar. A queixa mais frequente deste grupo de adolescentes em relação ao pai é o facto de não ser muito afetuoso em algumas situações, ser muito sério, haver pouco diálogo ou não ser muito compreensivo (Assis & Avanci, 2004).

Por outro lado, os adolescentes com baixa autoestima referem a existência de conflitos com o pai, o pouco contacto com ele, a ausência e a falta de proteção. Descrevem o pai como alguém nervoso, que grita, não dialoga, é egoísta e orgulhoso. Algumas das suas queixas são: regras rígidas; falta de afeto; o não reconhecimento das conquistas escolares dos filhos; não valorizam as ações positivas; olham apenas para os erros do filho. Assim, neste grupo de jovens estão presentes os sentimentos de tristeza e raiva, existindo ainda um distanciamento afetivo em relação ao pai (Assis & Avanci, 2004).

Em relação ao grupo que apresenta valores médios de autoestima, os sentimentos em relação ao pai podem ser ambíguos, conflituosos ou “normais” (Assis & Avanci, 2004).

No tópico “violência pai filho”, os resultados evidenciam que são os adolescentes com valores mais baixos de autoestima quem mais sofre violência física por parte do pai, tal como foi verificado na relação do jovem com a mãe (Assis & Avanci, 2004). As agressões têm consequências psicológicas para o adolescente, uma vez que afetam a sua autoconfiança e a confiança nos outros, o que leva a um autoconceito negativo e a ver o mundo de um modo pessimista (Azevedo, 1989, cit. por Assis & Avanci, 2004).

5.4. Como são vistos pela família

A forma como o adolescente sente que a sua família o vê é essencial na construção do sentimento de si e na autoconfiança que sente em si próprio (Assis & Avanci, 2004).

Com base no estudo de Assis e Avanci (2004) acerca da formação da autoestima na infância e adolescência, veremos de que modo os adolescentes que possuem alta, média e baixa autoestima se sentem vistos pela sua família.

Começando pelos jovens com elevada autoestima, sentem que os seus pais veem as suas qualidades, e, por essa razão, sentem-se valorizados.

Pelo contrário, os adolescentes com baixa autoestima sentem que os pais olham para eles de forma negativa.

Por fim, os jovens que possuem valores médios de autoestima apresentam mais dificuldades em saber o que os pais pensam acerca deles (Assis & Avanci, 2004).

Com esta investigação, Assis e Avanci (2004) salientam que a relação positiva com os familiares é essencial para que a criança e adolescente possa desenvolver a sua autoestima. Se o jovem não se sentir amado pelos pais ou se o seu ambiente familiar não for saudável, isso irá prejudicar o seu bem-estar e a sua saúde mental. As autoras referem que a relação estabelecida entre a criança ou adolescente e os seus “cuidadores” é o fator que mais pode destruir a autoestima e o ego.

5.5. Diferenças de género

A literatura tem mostrado que, durante a adolescência, as raparigas tendem a ter níveis mais baixos de autoestima do que os rapazes. No estudo realizado por Heaven & Ciarrochi (2008), com adolescentes do 7º ano ao 10º ano, não se verificaram diferenças significativas na autoestima de rapazes e raparigas no 7º ano, mas a partir do 8º ano até ao 10º ano, os rapazes

apresentaram um valor médio de autoestima significativamente mais elevado do que as raparigas.

Na sua investigação com raparigas dos 11 aos 16 anos, Clay, Vignoles & Dittmar (2005), observaram que a autoestima vai decrescendo ao longo do tempo, e colocam a hipótese de que as adolescentes mais velhas se preocupam mais com a imagem corporal. Assim, os resultados mostraram que as raparigas mais velhas estão menos satisfeitas com o seu corpo, e isto deve-se ao facto de já terem internalizado mais os padrões culturais e de compararem o seu corpo com o que é mostrado nos *media*, o que leva a que a autoestima decresça. Será esta uma razão para que o nível de autoestima das raparigas seja mais baixo que o dos rapazes?

Os resultados de Baldwin e Hoffmann (2002) também corroboram esta diferença entre género. As raparigas apresentam maiores oscilações na autoestima, sendo que esta decresce significativamente dos 12 anos até aos 17 anos. Como as raparigas entram na puberdade por volta dos 12 anos, começam a ter mais consciência do seu corpo e de como ele deveria ser (Simmons & Rosenberg, 1975, cit. por Baldwin e Hoffmann, 2002), razão que leva a que a autoestima comece a baixar. Pelo contrário, a autoestima nos rapazes aumenta até aos 14 anos, depois decresce até aos 16 anos, altura em que volta a subir.

5.6. Influência dos estilos parentais na autoestima

Segundo a investigação de Heaven & Ciarrochi (2008), os adolescentes que consideram os pais autoritários apresentam níveis mais baixos de autoestima. Apesar de a autoestima dos jovens ir decrescendo ao longo do tempo, há um efeito que se mantém do 7º ao 10º ano: quanto menos o adolescente sentir autoritarismo por parte dos pais, melhor é a sua autoestima. Por outro lado, o estilo democrático é o que contribui para níveis mais elevados de autoestima.

Buri e colaboradores (1988) também verificaram que os estilos autoritário e democrático se relacionam de forma significativa com a autoestima, sendo que o primeiro contribui para menores níveis de autoestima, enquanto o segundo leva a níveis mais elevados.

Em seguida, apresentam-se alguns estudos dos últimos anos, que tiveram como objetivo analisar a relação entre estilos parentais e autoestima:

1: Boer e Tranent (2013) analisaram a relação entre o estilo parental da mãe e a autoestima dos adolescentes. Os resultados revelam que os estilos democrático e permissivo levam a níveis mais elevados de autoestima, enquanto os estilos autoritário e negligente contribuem para menores níveis.

2: Martínez e García (2007) estudaram a relação entre estilos parentais e autoestima em adolescentes espanhóis, dos 13 aos 16 anos. Os valores mais baixos de autoestima foram observados nos jovens com pais autoritários, enquanto os valores mais elevados de autoestima surgem nos adolescentes com pais permissivos, logo seguidos dos jovens com pais democráticos.

3: Martínez, García e Yubero (2007) realizaram um estudo semelhante ao que foi efetuado com adolescentes espanhóis, mas desta vez com adolescentes brasileiros. Tendo em conta os resultados, o estilo permissivo é o que se relaciona com níveis mais elevados de autoestima, seguido do democrático. Por outro lado, os estilos autoritário e negligente levam a menores níveis de autoestima nos adolescentes.

4: Hirata e Kamakura (2017) tiveram como objetivo analisar a forma como os estilos parentais afetam as diferenças individuais no crescimento pessoal e a autoestima em estudantes universitários japoneses. Os resultados salientam a importância do estilo democrático para a autoestima e crescimento pessoal dos jovens.

6. CONCEPTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

6.1. Introdução

Sabe-se que as figuras parentais têm um papel fundamental no desenvolvimento do adolescente, sendo que o estilo parental a que recorrem pode potenciar ou prejudicar o saudável crescimento do jovem e tem consequências na construção da sua identidade.

6.2. Objetivos e Hipóteses da Investigação Empírica

Este estudo tem como principais objetivos:

- Analisar a influência de cada estilo parental no nível de ansiedade social e autoestima dos adolescentes;
- Analisar de que forma cada estilo parental afeta as várias subescalas da ansiedade social;
- Analisar se o estilo parental influencia de forma diferente rapazes e raparigas, no que se refere aos seus níveis de ansiedade social e autoestima;
- Analisar a variação dos níveis de ansiedade social e autoestima nos vários anos de escolaridade (7º ao 12º ano);
- Analisar se existem diferenças de género na forma como os adolescentes percecionam o estilo parental dos pais nos diferentes grupos etários (12-14 anos) e (15-18 anos).

Tendo em conta os objetivos acima referidos, a formulação das hipóteses é a seguinte:

H1:

- Estilo democrático leva a menores níveis de ansiedade social e maiores níveis de autoestima.
- Estilo autoritário leva a maiores níveis de ansiedade social e menores níveis de autoestima.
- Estilo permissivo leva a maiores níveis de ansiedade social e maiores níveis de autoestima.

- Estilo negligente leva a maiores níveis de ansiedade social e menores níveis de autoestima.

H2: Os estilos autoritário e negligente contribuem para que o adolescente possua uma ansiedade social mais generalizada.

H3: Rapazes e raparigas apresentam diferenças ao nível da ansiedade social e autoestima, tendo em conta o estilo parental.

H4: O nível de ansiedade social vai aumentando até meio da adolescência, enquanto o nível de autoestima vai diminuindo até à mesma fase.

H5: Existem diferenças na forma como rapazes e raparigas percecionam o estilo parental dos pais nos diferentes grupos etários, sendo que os rapazes veem os pais como mais negligentes a partir do meio da adolescência, e as raparigas veem-nos como mais democráticos.

MÉTODO

1. DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

Este estudo teve como objetivo analisar a influência dos estilos parentais no nível de ansiedade social e autoestima em adolescentes. Para tal, foram utilizados questionários de autopreenchimento para os adolescentes, de forma a que eles avaliassem o seu nível de ansiedade social, autoestima, e qual o estilo parental dos seus pais. É um estudo quantitativo e não-experimental, sendo que os dados foram recolhidos apenas num momento.

A variável independente é o estilo parental, enquanto a autoestima e a ansiedade social são as variáveis dependentes.

2. AMOSTRA

Neste estudo participaram 142 adolescentes, todos eles alunos de uma escola semi-privada do distrito de Leiria. Porém, nem todos os questionários recolhidos puderam ser parte integrante da amostra, uma vez que na escala que avalia os estilos educativos dos pais, grande parte não se inseria em nenhum dos estilos parentais propostos por Baumrind, tendo sido por isso excluídos. Assim, a amostra é constituída por 73 adolescentes onde 61.6% são do sexo feminino, cujas idades estão compreendidas entre 12 e 18 anos, ou seja, desde o 7º ao 12º ano de escolaridade e, onde 86.3% da amostra relata viver com família nuclear.

3. PROCEDIMENTO

Antes da recolha dos questionários na escola, foram efetuadas todas as exigências a nível ético. Em primeiro lugar, foi apresentado um pedido de autorização ao diretor do estabelecimento de ensino, explicando qual é o objetivo do estudo e quais os instrumentos a utilizar. Após a autorização do diretor, selecionaram-se várias turmas, do 7º ao 12º ano, e foi enviado aos pais dos alunos o pedido de autorização para que os adolescentes pudessem ser parte integrante da amostra. Os adolescentes que tiveram autorização dos pais preencheram o questionário.

Para que a ordem dos instrumentos não enviesasse os resultados, foi efetuado o contra-balanceamento, fazendo seis grupos com os três instrumentos (e.g. Grupo 1: A, B, C; Grupo 2: A, C, B), e em cada turma foram preenchidos questionários dos seis diferentes grupos. A recolha dos dados foi realizada em contexto de sala de aula no final do primeiro período e durante o segundo período, sendo a duração aproximada de 20 min. Os participantes foram informados acerca do objetivo do estudo, tendo sido garantida a confidencialidade e o anonimato das respostas. A análise dos dados recolhidos foi realizada através do programa SPSS.

4. INSTRUMENTOS

4.1. Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP)

Para identificar os estilos parentais, utilizou-se o Questionário de Estilos Educativos Parentais, traduzido e adaptado por Ducharne, Cruz, Marinho e Grande (2006), tendo por base as *Parenting Scales* de Lamborn, Mounts, Steinberg e Dornbusch (1991).

O QEEP avalia as perceções dos adolescentes em relação aos estilos educativos dos pais, com base em duas subescalas: Responsividade/Envolvimento/Afeto e Supervisão/Exigência, que são independentes entre si. O cálculo de cada dimensão é obtido somando a pontuação dos itens que constituem cada subescala. Os estilos parentais, propostos por Baumrind nos anos 60 a 80, são definidos cruzando os extremos mais baixos e mais elevados das duas dimensões: Democrático (alta Responsividade e alta Supervisão), Permissivo (alta Responsividade e baixa Supervisão), Autoritário (baixa Responsividade e alta Supervisão) e Negligente (baixa Responsividade e baixa Supervisão) (Ducharne et al., 2006).

Na adaptação das *Parenting Scales*, constituídas por 19 itens, eliminou-se um item, reestruturou-se outro, incluíram-se dois novos itens, e a escala de resposta foi uniformizada em 4 pontos. Assim, o QEEP ficou com 21 itens. Porém, depois da análise fatorial, foram eliminados dois itens, devido ao seu nível de saturação. Na sua versão final, o QEEP é constituído por 19 itens: 9 na dimensão Responsividade e 10 na dimensão Supervisão (Ducharne et al., 2006).

Nos primeiros cinco itens, a avaliação do pai e da mãe é feita pelo adolescente de forma separada. Nos restantes itens, os pais são avaliados em conjunto. Se o pai e/ou a mãe estão ausentes, os adolescentes devem avaliar as figuras responsáveis pela sua educação ou que desempenham papel de pais. As respostas são cotadas numa escala tipo *Likert* entre 1 e 4. Em

relação aos primeiros cinco itens, calcula-se a média entre as respostas dadas acerca do pai e acerca da mãe (Ducharme et al., 2006).

Quanto à consistência interna, os coeficientes *alpha de Cronbach* das duas subescalas revelam valores muito razoáveis, sendo $\alpha=0.78$ para a Responsividade e $\alpha=0.85$ para a Supervisão (Ducharme et al., 2006).

4.2. Escala de Ansiedade Social para Adolescentes (SAS-A)

A ansiedade social na adolescência foi avaliada através da versão portuguesa da SAS-A (Cunha, Gouveia, Alegre & Salvador, 2004), que consiste numa adaptação da SAS-A (*Social Anxiety Scale for Adolescents*) de La Greca e Lopez (1998).

A SAS-A é uma escala de auto-resposta que avalia as experiências de ansiedade social dos adolescentes nas relações com os pares. É constituída por 22 itens, entre os quais há 4 que são neutros, não sendo contabilizados na cotação total. A avaliação dos itens é feita numa escala tipo *Likert* de 5 pontos, na qual 1 corresponde a “De forma nenhuma” e 5 a “Todas as vezes”. A pontuação total obtida pode variar entre 18 (mínimo) e 90 (máximo). Quanto maior for a pontuação, maior é a ansiedade social (La Greca, 1999, cit. por Cunha et al., 2004).

Esta escala permite obter outros três resultados, que se referem às subescalas/fatores que a constituem, sendo eles: FNE (*Fear of Negative Avaliation*), formada por 6 itens na versão portuguesa, refere-se ao medo da avaliação negativa por parte dos outros (e.g. “Tenho medo que os outros possam não gostar de mim”); a subescala SAD-New (*Social Avoidance and Distress*) é composta por 7 itens acerca do desconforto e evitamento social sentidos em situações novas ou com pares desconhecidos (e.g. “Fico nervoso(a) quando tenho que falar com colegas que não conheço bem”); o fator SAD-General é constituído por 5 itens referentes ao desconforto e evitamento social em situações mais gerais de interação com os pares (e.g. “Sinto-me tímido(a) mesmo com colegas que conheço bem”) (La Greca, 1999; La Greca & Lopez, 1999, cit. por Cunha et al., 2004).

A versão portuguesa da SAS-A apresenta uma boa consistência interna, tanto em relação à totalidade dos itens, como para cada uma das subescalas: $\alpha=0.88$ para o Total da Escala; $\alpha=0.87$ para a subescala FNE; $\alpha=0.74$ para o fator SAD-New e $\alpha=0.71$ para o fator SAD-General (Cunha et al., 2004). A estabilidade temporal da escala foi avaliada um mês mais tarde, tendo sido obtido um coeficiente de correlação de Pearson de 0.74, que revela valores aceitáveis e coerentes com os da população americana (La Greca, 1999, cit. por Cunha et al., 2004). A

SAS-A possui correlações moderadas ou elevadas com a Escala de Ansiedade e Evitamento de Situações Sociais para Adolescentes (EAESSA) e com a Escala Revista de Ansiedade Manifesta para Crianças (RCMAS), que são instrumentos que medem construtos idênticos (Cunha et al., 2004).

4.3. Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES)

Para avaliar a autoestima dos adolescentes, utilizou-se a Escala de Autoestima de Rosenberg, traduzida e adaptada por Santos e Maia (2003), tendo por base a *Rosenberg Self-esteem Scale* de Rosenberg (1965).

A escala é constituída por 10 itens, sendo 5 de orientação positiva (item 1, 3, 4, 5, 10) (e.g. “Globalmente, estou satisfeito(a) comigo próprio(a)”) e 5 de orientação negativa (2, 5, 6, 8, 9) (e.g. “Por vezes penso que não sou bom/boa em nada”), sendo os últimos alvo de reversão (Santos & Maia, 2003). A cotação é feita numa escala tipo *Likert* de 4 pontos, desde “Discordo Fortemente=0” a “Concordo Fortemente=3”, sendo por isso 0 a pontuação mínima e 30 a pontuação máxima (Pechorro, Marôco, Poiães & Vieira, 2011). Quanto mais elevada for a pontuação, maior é o nível de autoestima (Santos & Maia, 2003).

A RSES é uma escala unidimensional que apresenta um bom nível de consistência interna, sendo o *alpha de Cronbach* de 0.86. A estabilidade temporal foi avaliada com intervalo de duas semanas, e o coeficiente de correlação de Pearson foi de 0,90. As correlações com o *Satisfaction With Life Scale* (SWLS) e o Inventário Clínico de Auto-Conceito (ICAC) apresentam uma magnitude elevada e vão no sentido esperado, uma vez que níveis mais elevados de autoestima apresentam uma correlação positiva com a auto-satisfação com a vida, aceitação social, auto-conceito positivo e auto-eficácia (Santos & Maia, 2003).

5. ANÁLISE QUANTITATIVA DE DADOS

Primeiramente, foram analisadas as qualidades psicométricas, mais especificamente, a sensibilidade do instrumento, a validade fatorial e a fiabilidade dos três instrumentos utilizados neste presente estudo - Estilos Educativos Parentais (QEEP), Ansiedade Social para Adolescentes (SAS-A), Autoestima de Rosenberg (RSES).

O objetivo do ponto da análise de sensibilidade de itens é verificar se os itens ou o teste são capazes de discriminar diferentes sujeitos, de acordo com os fatores que estão a ser

avaliados, ou seja, é necessário confirmar se existe uma variabilidade de respostas. De modo a analisar a sensibilidade de itens tem de se respeitar três critérios, nomeadamente: respostas em todas as categorias, a localização da mediana (não se apresentar nos extremos) e, por fim, a normalidade de distribuição (se apresenta, ou não, um desvio grosseiro) (Marôco, 2011).

Denomina-se de validade fatorial a capacidade de o teste avaliar com exatidão o atributo que se pretende medir. A utilização da Análise Fatorial Exploratória serve para validar a estrutura fatorial do instrumento – informação base associada ao construto avaliado. O objetivo desta é reunir a informação para que todos os itens (variáveis manifesto) que se encontram associados, permaneçam no mesmo fator/dimensão/componente. Ou seja, tenta entender de que forma os itens estabelecem relações entre si e agrupa-os em fatores/dimensões/componentes. Realizando uma análise fatorial exploratória pretende-se que o construto contenha, do ponto de vista matemático, uma estrutura significativa e, obviamente, do ponto de vista teórico, uma estrutura relevante (Marôco, 2011).

O conceito de fiabilidade refere-se à capacidade do teste para medir de forma repetida e consistente. Um teste fiável mede da mesma forma um mesmo atributo nas mesmas condições. Ora, para medir a consistência interna (fiabilidade), recorreu-se ao Alpha de Cronbach, que com valores iguais ou superiores a 0.70, demonstra uma boa consistência interna (Marôco, 2011).

Estas análises das características psicométricas dos instrumentos foram realizadas através do software SPSS- Statistical Program for Social Sciences (v.25).

Em seguida, de forma a estudarem-se as diversas hipóteses em estudo, ou seja, analisar possíveis diferenças significativas entre o nível da Ansiedade Social e o nível da Autoestima nos diferentes Estilos Parentais, deve recorrer-se ao teste paramétrico para amostras independentes, o teste Anova One-Way. Caso os seus pressupostos sejam violados, irá ser utilizado o seu teste alternativo, neste caso, o teste não paramétrico para duas ou mais amostras independentes, o teste Kruskal-Wallis. De igual modo, o que foi referido anteriormente, deve também acontecer quando se forem analisar possíveis diferenças significativas entre o nível de cada uma das 3 subdimensões da Ansiedade Social nos diferentes Estilos Parentais, tal como para se estudar o efeito do Agregado Familiar e do Ano de Escolaridade na Autoestima e na Ansiedade Social relatadas pelos participantes.

A Anova One-Way é um teste paramétrico que serve para comparar duas ou mais médias populacionais a partir de 2 ou mais amostras independentes e é utilizada (validamente) quando os seus pressupostos (variável dependente quantitativa; amostras independentes; variável dependente segue distribuição normal; existência de homogeneidade de variâncias) são verificados previamente (Marôco, 2011).

Posteriormente, de forma a estudar-se uma possível interação e efeitos principais entre o Género e Estilos Parentais na Autoestima e na Ansiedade Social, deve recorrer-se ao teste paramétrico para amostras independentes, o teste Anova Two-Way.

A Anova Two-Way é um teste paramétrico que serve para comparar médias de duas ou mais populações definidas por dois ou mais fatores independentes. É um teste que serve para verificar se o efeito de um fator depende dos níveis em que ocorre um outro fator, ou seja, se existe um efeito de interação ou moderação entre os fatores (Marôco, 2011).

Por fim, com o objetivo de testar diferenças na forma como rapazes e raparigas (Género) percecionam o Estilo Parental dos pais nos diferentes Grupos Etários (12-14 anos; 15-18 anos), terá que se recorrer a um teste Qui-Quadrado.

O Qui-Quadrado é um teste que serve para avaliar se a distribuição observada dos elementos das amostras pelas classes da variável é aleatória e/ou segue uma determinada distribuição empírica, tal como, é um teste que serve para averiguar se as variáveis qualitativas em estudo são independentes (Marôco, 2011).

RESULTADOS

1. INSTRUMENTOS

1.1. Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP)

Este instrumento demonstra bons níveis de sensibilidade, respeitando assim os pressupostos da mesma. Nos 19 itens, 18 deles demonstraram respostas em todos os 4 pontos da escala de resposta. Por sua vez, o item 2 foi o único item que não apresentou respostas no ponto 1.

Com vista a estudar a estrutura fatorial do instrumento realizou-se uma análise fatorial exploratória aos 19 itens. A mesma indicou uma estrutura bidimensional, com os dois fatores a emergirem com um valor próprio de 10.003 que explicam uma variância total de 52.648%. O primeiro fator, intitulado de “Responsividade”, constituído por 9 itens, emerge com um valor próprio de 8.028 que explica uma variância de 42.252%. O segundo fator, intitulado de “Supervisão”, constituído por 10 itens, emerge com um valor próprio de 1.975 que explica uma variância de 10.396%. Estes resultados vão ao encontro do relatado no estudo de validação/adaptação ao contexto português (Ducharne et al., 2006).

Por fim, a fiabilidade deste instrumento foi avaliada através do alfa de Cronbach, onde os 19 itens na totalidade obtiveram uma elevada consistência interna (0.92). O fator “Responsividade” apresentou uma boa consistência interna (0.87). O fator “Supervisão” apresentou, também, uma boa consistência interna (0.89).

1.2. Escala de Ansiedade Social para Adolescentes (SAS-A)

Este instrumento demonstra bons níveis de sensibilidade, respeitando assim os pressupostos da mesma. Todos os 18 itens demonstraram respostas em todos os 5 pontos da escala de resposta.

Com vista a estudar a estrutura fatorial do instrumento realizou-se uma análise fatorial exploratória aos 18 itens. A mesma indicou uma estrutura tridimensional, com os três fatores a emergirem com um valor próprio de 11.074 que explicam uma variância total de 61.521%. O primeiro fator, intitulado de “Medo da avaliação negativa”, constituído por 6 itens, emerge com um valor próprio de 7.721 que explica uma variância de 42.894%. O segundo fator, intitulado

de “Desconforto e evitamento social em situações novas”, constituído por 7 itens, emerge com um valor próprio de 1.988 que explica uma variância de 11.042%. O terceiro fator, intitulado de “Desconforto e evitamento social geral”, constituído por 5 itens, emerge com um valor próprio de 1.365 que explica uma variância de 7.585%. Estes resultados vão ao encontro do relatado no estudo de validação/adaptação ao contexto português (Cunha et al., 2004).

Por fim, a fiabilidade deste instrumento foi avaliada através do alfa de Cronbach, onde os 18 itens na totalidade obtiveram uma elevada consistência interna (0.92). O fator “Medo da avaliação negativa” apresentou uma boa consistência interna (0.91). O fator “Desconforto e evitamento social em situações novas” apresentou, também, uma boa consistência interna (0.84). O fator “Desconforto e evitamento social geral” apresentou, também, uma boa consistência interna (0.75).

1.3. Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES)

Este instrumento demonstra bons níveis de sensibilidade, respeitando assim os pressupostos da mesma. Todos os 10 itens demonstraram respostas em todos os 4 pontos da escala de resposta.

Com vista a estudar a estrutura fatorial do instrumento realizou-se uma análise fatorial exploratória aos 10 itens. A mesma indicou uma estrutura unidimensional, com o fator a emergir com um valor próprio de 5.412 que explicam uma variância total de 54.122%. Estes resultados vão ao encontro do relatado no estudo de validação/adaptação ao contexto português (Santos & Maia, 2003).

Por fim, a fiabilidade deste instrumento foi avaliada através do alfa de Cronbach, onde os 10 itens na totalidade obtiveram uma elevada consistência interna (0.90).

2. TESTANDO HIPÓTESES

2.1. Análise da influência de cada estilo parental no nível de ansiedade social e autoestima dos adolescentes

Com o objetivo de testar diferenças ao nível da Autoestima e ao nível da Ansiedade Social dos adolescentes com diferentes Estilos Parentais, compararam-se os diferentes Estilos Parentais relativamente à Autoestima e, posteriormente à Ansiedade Social relatada pelos

participantes, através de um teste paramétrico Anova One-Way, visto todos os seus pressupostos terem sido previamente verificados. Os resultados indicam que, em cada um dos Estilos Parentais, não existiram diferenças estatisticamente significativas ao nível da Autoestima e, de igual modo, não existiram, também diferenças significativas ao nível da Ansiedade Social.

Apesar da não existência de significância estatística, os dados sugerem que existe uma tendência ao nível da Ansiedade Social nos diferentes Estilos Parentais, onde o score de Ansiedade Social é mais elevado no Estilo Parental Autoritário (M=56.67) e, vai decrescendo o score de Ansiedade Social ao longo dos diferentes estilos parentais, neste caso, Democrático (M=51.94) e Permissivo (M=50.33), até ao Estilo Parental Negligente (M=49.41), que apresenta o menor score de Ansiedade Social relatado pelos participantes.

De igual modo, apesar da não existência de significância estatística, os dados também sugerem uma tendência em que a média do score da Autoestima nos diferentes Estilos Parentais se apresenta mais elevada no Estilo Parental Permissivo (M=21) e, mais reduzida no Estilo Parental Autoritário (M=15.67).

2.2. Análise da forma como cada estilo parental afeta as várias subescalas da ansiedade social

Com o objetivo de analisar de que forma cada Estilo Parental afeta as várias subescalas da Ansiedade Social, compararam-se os diferentes Estilos Parentais em cada uma das 3 subdimensões - Medo da avaliação negativa; Situações novas; Evitamento social geral - da Ansiedade Social relatadas pelos participantes, através de um teste paramétrico Anova One-Way, visto todos os seus pressupostos terem sido previamente verificados. Os dados indicam que, para cada um dos Estilos Parentais, não existiram diferenças estatisticamente significativas ao nível das 3 subdimensões da Ansiedade Social relatadas pelos participantes.

Apesar da não existência de significância estatística, os dados sugerem que a dimensão “Situações novas” foi a dimensão que apresentou um valor médio mais elevado nos diferentes Estilos Parentais (M=21.30), em comparação com as outras duas dimensões, mais especificamente, a dimensão “Medo da avaliação negativa” (M=18.73) e, a dimensão “Evitamento Social geral” onde esta última foi a dimensão que apresentou um valor médio mais baixo nos diferentes Estilos Parentais (M=11.70). É de realçar que consoante a análise dos

dados a este nível, os mesmos sugerem que o Estilo Parental Autoritário é o Estilo Parental que apresenta valores mais elevados, em todas as três subdimensões da Ansiedade Social.

2.3. Análise da Interação e Efeitos Principais entre o Género e Estilos Parentais no nível de Autoestima e Ansiedade Social

Com o objetivo de testar se os rapazes e raparigas (variável Género) são afetados de forma diferente pelo Estilo Parental relativamente à Ansiedade Social reportada pelos participantes, foi utilizado um teste paramétrico Anova Two-Way, visto todos os seus pressupostos terem sido previamente verificados. Os resultados indicam que em relação a efeitos principais, não existem diferenças significativas nos diferentes Estilos Parentais em relação à Ansiedade Social, algo já reportado anteriormente. Por outro lado, os resultados, também, indicam que existem diferenças estatisticamente significativas ao nível do Género em relação à Ansiedade Social ($F(1,65)=5.902$; $p=.018$; $\eta^2p=0.08$), o que significa que os adolescentes pertencentes ao sexo feminino apresentam um maior valor médio de Ansiedade Social ($M=56.37$; $DP=2.47$), em comparação com os adolescentes pertencentes ao sexo masculino ($M=46.57$; $DP=3.19$). Por sua vez, os resultados, também, indicam que não existe um efeito de interação entre o Género e os Estilos Parentais para com a Ansiedade Social reportada pelos participantes. Uma análise mais detalhada indica que o Estilo Parental Negligente apresenta diferenças significativas entre os dois grupos do Género ao nível da Ansiedade Social ($F(1,65)=7.078$; $p=.010$; $\eta^2p=0.10$), o que significa que as adolescentes pertencentes ao sexo feminino que veem os pais como tendo um Estilo Parental Negligente apresentam um maior valor médio de Ansiedade Social ($M=57.80$; $DP=4.27$), em comparação com os adolescentes pertencentes ao sexo masculino que veem os pais como tendo um Estilo Parental Negligente ($M=42.42$; $DP=3.90$).

Com o objetivo de testar se os rapazes e raparigas (variável Género) são afetados de forma diferente pelo Estilo Parental relativamente ao nível da Autoestima reportada pelos participantes, foi utilizado um teste paramétrico Anova Two-Way, visto todos os seus pressupostos terem sido previamente verificados. Os resultados indicam que em relação a efeitos principais, de novo, não existem diferenças significativas nos diferentes Estilos Parentais em relação à Autoestima. Por outro lado, os resultados indicam que existem diferenças estatisticamente significativas ao nível do Género em relação à Autoestima ($F(1,65)=12.459$; $p=.001$; $\eta^2p=0.16$), o que significa que os adolescentes pertencentes ao sexo masculino apresentam um maior valor médio de Autoestima ($M=21.82$; $DP=1.34$), em

comparação com as adolescentes pertencentes ao sexo feminino ($M=15.85$; $DP=1.03$). Por sua vez, os resultados também indicam que não existe um efeito de interação entre o Género e os Estilos Parentais para com a Autoestima reportada pelos participantes. Apesar de não existir significância estatística em relação ao efeito de interação, referido anteriormente, uma análise mais detalhada sugere uma tendência de dados em que no Estilo Parental Permissivo os adolescentes pertencentes ao sexo masculino apresentam um maior valor médio de Autoestima ($M=27$; $DP=4$), em comparação com os adolescentes pertencentes ao sexo feminino que têm um Estilo Parental Permissivo ($M=18$; $DP=2.83$).

2.4. Análise do efeito do ano de escolaridade nos níveis de autoestima e ansiedade social

Com o objetivo de testar diferenças ao nível da Ansiedade Social e ao nível da Autoestima dos adolescentes com os diferentes Anos de Escolaridade (7º ano ao 12º ano), compararam-se os diferentes Anos de Escolaridade relativamente à Autoestima e, posteriormente, à Ansiedade Social relatada pelos participantes, através de um teste paramétrico Anova One-Way, visto todos os seus pressupostos terem sido previamente verificados. Os dados indicam que, em cada um dos diferentes anos de escolaridade, não existiram diferenças estatisticamente significativas ao nível da Autoestima e, de igual modo, ao nível da Ansiedade Social.

Apesar da não existência de significância estatística, os dados tendem a sugerir que o score de Ansiedade Social é mais elevado no 8º ano ($M=55.57$) e, no 10º ano o score de Ansiedade Social apresenta-se como o menor entre todos os Anos de Escolaridade ($M=40.67$). De igual modo, os dados, tendem a sugerir que o 10º ano é o Ano de Escolaridade que apresenta o nível de Autoestima mais elevado ($M=24$) e, o 7º ano é o Ano de Escolaridade que apresenta o menor nível de Autoestima ($M=16.2$), entre todos os restantes anos.

2.5. Perceção do Estilo Parental por Género e Grupo Etário

Com o objetivo de testar diferenças na forma como rapazes e raparigas (Género) percecionam o Estilo Parental dos pais nos diferentes Grupos Etários (12-14 anos; 15-18 anos), foi realizado um teste Qui-Quadrado, visto que todos os seus pressupostos foram validados. Os resultados indicam que existem diferenças estatisticamente significativas na perceção do Estilo Parental dos pais nos diferentes Grupos Etários ($X^2(3)=8.505$; $p=.036$), o que significa que os

adolescentes no Grupo Etário dos 12 aos 14 anos identificaram em maior número o Estilo Parental Democrático (n=19) e, os adolescentes no Grupo Etário dos 15 aos 18 anos identificaram, por sua vez, em maior número o Estilo Parental Negligente (n=17). De igual modo, os resultados indicam que existem diferenças estatisticamente significativas na percepção do Estilo Parental dos pais nos diferentes Grupos Etários no Género Masculino ($X^2(3)=12.119$; $p=.004$), o que significa que os adolescentes do Género Masculino e pertencentes ao Grupo Etário dos 12 aos 14 anos identificaram em maior número o Estilo Parental Democrático (n=9) e, por sua vez, os adolescentes do Género Masculino pertencentes ao Grupo Etário dos 15 aos 18 anos identificaram em maior número o Estilo Parental Negligente (n=9). Por sua vez, os resultados também indicam que não existiram diferenças significativas na percepção do Estilo Parental dos pais nos diferentes Grupos Etários no Género Feminino.

2.6. Análise do Influência do Agregado Familiar no nível de Autoestima e Ansiedade Social

Apesar de este não ser um dos objetivos do estudo, tendo em conta que os vários tipos de família funcionam de forma diferente e têm consequências diferentes no desenvolvimento do adolescente, decidiu-se fazer esta análise para perceber se viver numa família monoparental ou numa família alargada influencia de forma diferente a autoestima e ansiedade social do jovem.

Assim, com o objetivo de testar diferenças ao nível da Ansiedade Social e ao nível da Autoestima dos adolescentes nos diferentes grupos da variável Agregado Familiar (Família Nuclear; Pai; Mãe; Não Família Nuclear; Família Alargada) compararam-se os diferentes grupos desta mesma relativamente à Autoestima e, posteriormente, à Ansiedade Social relatada pelos participantes, através de um teste paramétrico Anova One-Way, visto todos os seus pressupostos terem sido previamente verificados. Os resultados indicam que existem diferenças estatisticamente significativas no Agregado Familiar em relação à Ansiedade Social ($F(4,68)=5.185$; $p=.001$; $\eta^2p=0.23$), o que significa que os adolescentes que vivem com a Mãe apresentam um maior valor médio de Ansiedade Social ($M=66.17$; $DP=12.86$), em comparação com os adolescentes que vivem com uma Família Alargada ($M=21$; $DP=0$). De igual modo, os resultados, também, indicam que existem diferenças estatisticamente significativas no Agregado Familiar em relação à Autoestima ($F(4,68)=5.166$; $p=.001$; $\eta^2p=0.23$), o que significa que os adolescentes que vivem com uma Família Alargada apresentam um maior valor

médio de Autoestima ($M=27$; $DP=0$), em comparação com os adolescentes que vivem com a Mãe ($M=9.50$; $DP=6.47$).

DISCUSSÃO

O objetivo principal desta investigação foi analisar o modo como cada um dos quatro estilos parentais propostos por Baumrind (democrático, autoritário, permissivo e negligente), tem influência no nível de autoestima e ansiedade social em adolescentes. Para além deste objetivo, também foram exploradas outras questões, como as diferenças de género, a evolução da autoestima e ansiedade social ao longo da adolescência, e o efeito do agregado familiar.

Seguidamente, apresenta-se a análise e discussão dos resultados do presente estudo, com base no enquadramento teórico.

Hipótese 1: Análise da influência do estilo parental no nível de ansiedade social e autoestima

Apesar de os resultados deste estudo não revelarem diferenças estatisticamente significativas na forma como cada estilo parental influencia o nível da autoestima e ansiedade social nos adolescentes, verifica-se que existem tendências. Em relação ao nível de ansiedade social, observa-se que apresenta um valor mais elevado nos adolescentes que veem os pais como tendo um estilo parental autoritário. O estilo negligente é o que causa um menor nível de ansiedade social.

Comparando estes resultados com o que é referido na literatura, a hipótese de que o estilo parental autoritário leva a níveis mais elevados de ansiedade social, foi corroborada. Em 2014, Gomes e colaboradores referem que o facto de o adolescente ter pais demasiado controladores afeta a sua autonomia, pois este fica mais ansioso em novas situações. A revisão de literatura de Besteiro e Quintanilla, em 2017, vai no mesmo sentido, sendo que os autores observam que existe uma relação entre o estilo autoritário e a ansiedade infanto-juvenil. Por fim, Rana et al. (2013) também analisaram qual a relação entre estilos parentais e ansiedade social em adolescentes, tendo verificado que o estilo autoritário é preditor de ansiedade social.

Por outro lado, os resultados mostram uma tendência para os filhos de pais cujo estilo parental é negligente, apresentarem menores níveis de ansiedade social, dados que são contrários ao que a literatura tem evidenciado. Olhando novamente para o estudo de Rana et al. (2013), o estilo negligente é um preditor de ansiedade social, tal como o estilo autoritário. É importante lembrar que na presente investigação, não se encontraram diferenças estatisticamente significativas, o que significa que estes resultados não podem ser generalizados.

No que se refere à influência dos estilos parentais nos níveis de autoestima, também não foram encontradas diferenças ao nível de significância estatística. Porém, os dados sugerem que existe uma tendência segundo a qual a média do score de autoestima é mais elevada no estilo parental permissivo, e mais reduzida no estilo parental autoritário.

Estes resultados referentes à influência do estilo parental no nível de autoestima dos adolescentes, corroboram os estudos referidos na literatura. Em 2013, Boer e Tranent observaram que um estilo parental permissivo por parte da mãe contribui para níveis mais elevados de autoestima, enquanto o estilo autoritário leva a níveis mais reduzidos. No seu estudo com adolescentes brasileiros, Martínez et al. (2007) também verificaram que existe uma relação entre o estilo permissivo e elevados níveis de autoestima, e uma relação entre o estilo autoritário e reduzidos níveis de autoestima.

Hipótese 2: Análise do efeito do estilo parental nas subescalas de ansiedade social

Em relação ao efeito dos estilos parentais nas várias subescalas de ansiedade social, os dados indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas. Porém, os resultados sugerem que a subescala “Situações Novas” é aquela em que o nível de ansiedade social é mais elevado nos vários estilos parentais, enquanto a subescala “Evitamento social geral” apresenta menores níveis de ansiedade. Os resultados sugerem que o estilo parental autoritário é aquele que contribui para valores mais elevados de ansiedade social nas várias subdimensões.

Tendo em conta a H2 deste estudo (os estilos autoritário e negligente contribuem para que o adolescente possua uma ansiedade social mais generalizada) , verifica-se que a hipótese em relação ao estilo parental autoritário foi confirmada, uma vez que os adolescentes cujos pais possuem este estilo parental, apresentam maiores níveis de ansiedade social nas três subescalas (Medo da avaliação negativa, Ansiedade em situações novas, Ansiedade em situações gerais). Com base no DSM-IV, existem dois subtipos de ansiedade social: o generalizado e o não generalizado (Gouveia, 2000, p. 24). Desta forma, conclui-se que o estilo autoritário prejudica a maioria das interações sociais que o adolescente estabelece no seu dia a dia, enquanto os outros estilos afetam o jovem apenas nas “situações novas”, por exemplo quando precisa de falar com desconhecidos.

Hipótese 3: Diferenças de género ao nível da ansiedade social, autoestima e influência do estilo parental

Existem diferenças estatisticamente significativas no nível de ansiedade social em rapazes e raparigas, sendo que estas apresentam um maior nível médio de ansiedade social. Estes resultados vão no mesmo sentido do estudo de Rana et al. (2013), uma vez que os autores concluíram que as raparigas apresentam um nível mais elevado de ansiedade social.

Verifica-se que o estilo parental negligente apresenta diferenças significativas no efeito que tem ao nível do género. As raparigas que veem os pais como negligentes, possuem maior valor médio de ansiedade social do que os rapazes que também consideram os pais negligentes. Estes resultados podem ser explicados pelo facto de os adolescentes do sexo masculino considerarem mais os seus pais como negligentes, ao contrário das raparigas que os veem mais como democráticos (Ducharme et al., 2006). Desta forma, quando uma rapariga considera que os pais possuem um estilo parental negligente, é mais provável que tal seja verdade, e por isso apresenta maior nível de ansiedade social. No caso dos rapazes, é habitual verem os pais como negligentes devido à maior autonomia que lhes é dada, facto que leva a que sintam menor controlo por parte dos pais (Ducharme et al., 2006).

Ao nível da autoestima, existem diferenças estatisticamente significativas de acordo com o género. Os resultados mostram que os rapazes possuem níveis mais elevados de autoestima do que as raparigas. Estas diferenças de género são concordantes com os estudos apresentados na literatura. Em 2008, Heaven e Ciarrochi verificaram que os rapazes apresentam um valor médio de autoestima mais elevado. Estas diferenças podem ser explicadas pelo facto de as raparigas entrarem primeiro do que os rapazes na puberdade, o que leva a que a sua autoestima decresça devido às alterações no seu corpo (Simmons & Rosenberg, 1975, cit. por Baldwin & Hoffman, 2002).

Os dados sugerem que existe uma tendência para que os rapazes que veem os pais como possuindo o estilo parental permissivo, apresentarem maior valor médio de autoestima do que as raparigas que também consideram os pais permissivos. Isto deve-se à tendência geral apresentada na literatura, segundo a qual os rapazes possuem níveis mais elevados de autoestima durante a adolescência.

Hipótese 4: Análise do efeito do ano de escolaridade nos níveis de autoestima e ansiedade social

Os resultados indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas nos níveis de ansiedade social e autoestima nos diferentes anos de escolaridade. Porém, os dados sugerem que o nível de ansiedade social é mais elevado no 8º ano, e mais reduzido no 10º ano. A nível da autoestima, esta é mais elevada no 10º ano, e mais reduzida no 7º ano.

As raparigas iniciam a puberdade por volta dos 12 anos (o que corresponde ao 7º ano), e devido à consciência que começam a ter do seu corpo, a sua autoestima começa a decrescer (Simmons & Rosenberg, 1975, cit. por Baldwin & Hoffman, 2002). Este pode ser um fator que explica o reduzido nível de autoestima no 7º ano. No estudo realizado por Heaven e Ciarrochi (2008), não observaram diferenças significativas na autoestima de rapazes e raparigas no 7º ano, o que provavelmente indica que tal como as raparigas apresentam um baixo nível de autoestima neste ano, com os rapazes passa-se o mesmo.

Tendo em conta o estudo de Baldwin e Hoffman (2002), os rapazes iniciam a puberdade aos 14 anos, o que leva a autoestima a diminuir até aos 16 anos, sendo que a partir desta idade volta a subir. Quando está no 10º ano, o adolescente tem 15/16 anos, o que explica os dados que evidenciam que a autoestima é mais elevada neste ano, ao mesmo tempo que a ansiedade social é mais reduzida. Aos 16 anos, tanto os rapazes como as raparigas já se adaptaram às suas modificações corporais, o que os torna mais confiantes.

Hipótese 5: Análise da perceção do estilo parental por género e grupo etário

Existem diferenças estatisticamente significativas na forma como os diferentes grupos etários percecionam o estilo parental. Os adolescentes entre os 12 e os 14 anos identificam mais os pais como tendo um estilo parental democrático, enquanto os jovens dos 15 aos 18 anos veem os seus pais como tendo um estilo mais negligente. Na investigação realizada por Ducharme et al. (2006) com adolescentes do 7º ao 12º ano, o estilo parental percecionado em maior número foi o democrático, seguido do negligente. Estes dados vão ao encontro dos resultados do presente estudo, já que os estilos democrático e negligente também foram os mais referidos pelos adolescentes.

Em relação ao género, existem diferenças estatisticamente significativas na forma como os rapazes percecionam o estilo parental nos diferentes grupos etários. Entre os 12 e os 14 anos, referem mais o estilo democrático, e dos 15 aos 18 anos é o estilo parental negligente que está

em maior número. Ao longo da adolescência, os rapazes sentem-se cada vez menos controlados pelos pais (Ducharne et al., 2006), o que os leva a considerá-los mais negligentes. Além disso, nas famílias portuguesas os pais passam muito tempo fora de casa, o que leva os jovens a sentirem que os pais não os controlam nem lhes dão afeto (Ducharne et al., 2006), e este pode ser uma razão para que tantos adolescentes considerem que os pais apresentam um estilo parental negligente. As raparigas não apresentam diferenças significativas na forma como percebem o estilo parental nos dois grupos etários.

Hipótese 6: Análise da influência do agregado familiar no nível de autoestima e ansiedade social

No que se refere ao efeito do agregado familiar no nível de ansiedade social e autoestima dos adolescentes, os resultados indicam que existem diferenças estatisticamente significativas.

Relativamente à ansiedade social, os adolescentes que vivem apenas com a mãe (família monoparental), apresentam um maior valor médio do que os jovens que vivem com uma família alargada (com avós). No mesmo sentido, viver apenas com a mãe prejudica a autoestima do adolescente, sendo esta mais reduzida do que a autoestima de jovens que vivem numa família alargada.

A literatura indica que viver numa família monoparental pode ter consequências para o adolescente. Para além de fatores como os elevados níveis de stress, baixo nível socioeconómico e baixo suporte social, a mãe não consegue ter tanta disponibilidade para o filho, devido às muitas responsabilidades. Os estudos também indicam que os filhos de pais separados podem apresentar sintomas de ansiedade, problemas emocionais e baixa autoestima (Cardoso, 2008). Desta forma, os resultados da presente investigação evidenciam o que a literatura refere, uma vez que se verificou que os adolescentes que vivem com mãe (família monoparental) apresentam níveis mais reduzidos de autoestima e níveis mais elevados de ansiedade social.

Os efeitos positivos que a família alargada tem nos níveis de autoestima e ansiedade social dos adolescentes, corroboram o que é referido na literatura. Em 2005, Hamilton refere crianças que têm os avós são co-residentes, apresentam menos sintomas depressivos. Além disso, os avós podem dar suporte e apoio às crianças. Deste modo, o presente estudo evidencia os benefícios que a família alargada tem no adolescente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Matos (2001, p. 268), “A adolescência é a idade da dúvida reflexiva e da especulação filosófica, da definição de uma identidade própria e da abertura a uma perspectiva pessoal”. Esta fase essencial para o desenvolvimento do jovem e construção da sua identidade, é menos turbulenta no caso de, na infância, ter existido uma relação saudável entre os pais e a criança (Matos, 2001, p. 276).

Bowlby (1989, p. 18), refere que para que um adolescente seja saudável, é essencial que os pais tenham estado disponíveis enquanto ele era criança. O autor defende que a forma como as figuras parentais tratam os filhos durante a infância e adolescência, influencia em grande parte o desenvolvimento da sua personalidade (Bowlby, 1989, p. 72).

Assim, esta investigação teve como objetivo estudar a influência de cada estilo parental no saúde mental do adolescente, nomeadamente nos seus níveis de ansiedade social e autoestima, ou seja, na forma como o jovem se vê e sente que os outros o veem.

Apesar da importância desta investigação e dos possíveis contributos que os resultados podem ter, devem ser referidas algumas das suas limitações.

Em primeiro lugar, a amostra não é representativa dos adolescentes em Portugal, pelo que os resultados não se devem generalizar. Devido à pequena dimensão da amostra, não houve uma distribuição tão grande por todos os estilos parentais como seria ideal. Provavelmente, foi devido a este fator que algumas das hipóteses do estudo não apresentaram resultados com significância estatística.

Em segundo lugar, para avaliar o estilo parental, recorreu-se apenas ao adolescente, e isso pode ter enviesado os resultados.

Assim, sugere-se que em estudos futuros se recolha uma amostra em maior dimensão, e, para que seja representativa dos adolescentes em Portugal, é recomendado que haja adolescentes tanto do interior como do litoral do país, uma vez a amostra deste estudo é constituída por adolescentes de uma escola do distrito de Leiria. Será interessante perceber se existem diferenças entre as zonas rurais e urbanas no que se refere ao nível de autoestima e ansiedade social dos adolescentes, e se a perceção dos estilos parentais muda.

Também seria interessante realizar um estudo semelhante a este, mas no qual os pais preenchessem o questionário acerca da sua perceção do estilo parental. Assim, poderiam analisar-se as diferenças em relação à forma como pais e filhos percecionam o estilo parental.

REFERÊNCIAS

- Assis, S. G., & Avanci, J. Q. (2004). *Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e adolescência*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz.
- Baldwin, S. A., & Hoffmann, J. P. (2002). The dynamics of self-esteem: A growth-curve analysis. *Journal of youth and adolescence*, 31(2), 101-113.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child development*, 887-907.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43-88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4, 1-103.
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth & Society*, 9(3), 239-267.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *The Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95.
- Baumrind, D. (2005). Patterns of parental authority and adolescent autonomy. *New directions for child and adolescent development*, 2005(108), 61-69.
- Besteiro, E. M., & Quintanilla, A. J. (2017). Relación entre los estilos educativos parentales o prácticas de crianza y la ansiedad infanto-juvenil: una revisión bibliográfica. *Revista Española de Pedagogía*, 75(267), 337-351.
- Blos, P. (1985). *Adolescência: Uma Interpretação Psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Boer, O. E., & Tranent, P. J. (2013). Conceptualising the relationship between maternal parenting style and adolescent self-esteem: A pragmatic approach. *Journal of Relationships Research*, 4(5), 1-7.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Buri, J. R., Louiselle, P. A., Misukanis, T. M., & Mueller, R. A. (1988). Effects of parental authoritarianism and authoritativeness on self-esteem. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 14, 271-282.

- Canço, H., Bairrada, P., Rodríguez, E., & Carvalho, A. (2010). *Novos tipos de família: plano de cuidados*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Cardoso, A. R. (2008). *Depressão infantil em famílias monoparentais*. (Tese de Doutoramento, ISPA, Lisboa). Recuperado de <http://hdl.handle.net/10400.12/4655>
- Chavira, D. A., & Stein, M. B. (2005). Childhood social anxiety disorder: from understanding to treatment. *Child and Adolescent Psychiatric Clinics*, 14(4), 797-818.
- Clay, D., Vignoles, V. L., & Dittmar, H. (2005). Body image and self-esteem among adolescent girls: Testing the influence of sociocultural factors. *Journal of research on adolescence*, 15(4), 451-477.
- Cunha, M., Gouveia, J. P., Alegre, S., & Salvador, M. C. (2004). Avaliação da ansiedade social na adolescência: a versão portuguesa da SAS-A. *Psychologica*, 35, 249- 263.
- Dias, C. A., & Vicente, T. N. (1984). *A Depressão no Adolescente*. Porto: Afrontamento.
- Ducharne, M., Cruz, O., Marinho, S., & Grande, C. (2006). Questionário de estilos educativos parentais (QEEP). *Psicologia e Educação*, 5(1), 63-75.
- Erikson, E. (1976). *Identidade: Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Ghazwani, J. Y., Khalil, S. N., & Ahmed, R. A. (2016). Social anxiety disorder in Saudi adolescent boys: Prevalence, subtypes, and parenting style as a risk factor. *Journal of family & community medicine*, 23(1), 25-31.
- Gobitta, M., & Guzzo, R. S. (2002). Estudo inicial do inventário de Auto-Estima (SEI): Forma A. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 143-150.
- Gomes, D. A., Badaró, A. C., & Lourenço, L. M. (2014). Revisão de Literatura sobre a Produção Científica entre o Transtorno de Ansiedade Social e a Adolescência. *Perspectivas em Psicologia*, 11(1), 15-24.
- Gouveia, J. P. (2000). *Ansiedade Social: da timidez à fobia social*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Hamilton, H. A. (2005). Extended families and adolescent well-being. *Journal of Adolescent Health*, 36(3), 260-266.

- Harter, S. (2006). The self. In N. Eisenberg (Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 3. Social, emotional, and personality development* (6th ed., pp. 505–570). Hoboken, NJ: Wiley.
- Heaven, P. & Ciarrochi, J. (2008). Parental Styles, gender and the development of hope and self-esteem. *European Journal of Personality*, 22(8), 707-724.
- Hirata, H., & Kamakura, T. (2017). The effects of parenting styles on each personal growth initiative and self-esteem among Japanese university students. *International Journal of Adolescence and Youth*, 23(3), 325-333.
- Laible, D. J., Carlo, G., & Roesch, S. C. (2004). Pathways to self-esteem in late adolescence: The role of parent and peer attachment, empathy, and social behaviours. *Journal of adolescence*, 27(6), 703-716.
- Leary, M. R., & Kowalski, R. M. (1995). *Social anxiety*. New York: Guilford Press.
- Marôco, J. (2011). Análise Estatística com o SPSS Statistics. 5ª edição. Pêro Pinheiro: ReportNumber, Lda
- Martínez, I., & García, J. F. (2007). Impact of parenting styles on adolescents' self-esteem and internalization of values in Spain. *The Spanish Journal of Psychology*, 10(2), 338-348.
- Martínez, I., García, J. F., & Yubero, S. (2007). Parenting styles and adolescents' self-esteem in Brazil. *Psychological reports*, 100(3), 731-745.
- Matos, A. C. (2001). *A Depressão*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Newman, K., Harrison, L., Dashiff, C., & Davies, S. (2008). Relaciones entre los tipos de padres y comportamientos de riesgo en la salud del adolescente: una revisión bibliográfica integrada. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 16(1), 142-150.
- Orth, U., Erol, R. Y., & Luciano, E. C. (2018). Development of self-esteem from age 4 to 94 years: A meta-analysis of longitudinal studies. *Psychological bulletin*, 144(10), 1045-1080.
- Pinquart, M. (2017). Associations of parenting dimensions and styles with internalizing symptoms in children and adolescents: A meta-analysis. *Marriage & Family Review*, 53(7), 613-640.
- Rana, S. A., Akhtar, S., & Tahir, M. A. (2013). Parenting styles and social anxiety among adolescents. *New Horizons*, 7(2), 21-34.

- Roelofs, J., Meesters, C., Ter Huurne, M., Bamelis, L., & Muris, P. (2006). On the links between attachment style, parental rearing behaviors, and internalizing and externalizing problems in non-clinical children. *Journal of Child and Family Studies*, 15(3), 331-344.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Santos, P. J., & Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da escala de auto-estima de Rosenberg. *Psicologia: teoria, investigação e prática*, 2, 253-268.
- Soares, D. L., & Almeida, L. S. (2011). Percepção dos estilos educativos parentais: sua variação ao longo da adolescência. In *XI Congreso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía* (pp. 4071-4083). Universidade da Coruña.
- Steinberg, L., & Silverberg, S. B. (1986). The vicissitudes of autonomy in early adolescence. *Child development*, 841-851.
- Steinberg, L., Darling, N. E., Fletcher, A. C., Brown, B. B., & Dornbusch, S. M. (1995). Authoritative parenting and adolescent adjustment: An ecological journey. *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development*, 63, 2-3.
- Xu, J., Ni, S., Ran, M., & Zhang, C. (2017). The relationship between parenting styles and adolescents' social anxiety in migrant families: A study in Guangdong, China. *Frontiers in psychology*, 8, 626.
- Yaffe, Y. (2017). Establishing specific links between parenting styles and the s-anxieties in children: Separation, social, and school. *Journal of Family Issues*, 00(0), 1-19.

ANEXOS

Anexo A – Pedido de autorização à escola

**Exmo. Sr. Doutor Nuno Rosa,
Presidente do Externato Cooperativo da Benedita**

No âmbito da minha Dissertação de Mestrado, realizada no ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, e com a orientação do Prof. Doutor Csongor Juhos, venho solicitar autorização para a recolha de dados no Externato Cooperativo da Benedita.

Proponho-me estudar “A Influência do Estilo Parental no Nível de Ansiedade Social e Autoestima em Adolescentes”, com o objetivo de perceber a forma como os diferentes Estilos Educativos Parentais propostos por Diana Baumrind (1966) – democrático, autoritário, permissivo e negligente – podem influenciar tanto o nível de ansiedade social como o nível de autoestima nos adolescentes.

Para que seja possível avaliar a relação entre as três variáveis, é necessária uma amostra aproximada de 200 adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. A participação neste estudo é voluntária, e é garantida a confidencialidade e anonimato dos dados a todos os participantes.

Os adolescentes que decidirem participar neste estudo, irão responder ao Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP), à Escala de Ansiedade Social para Adolescentes (SAS-A), e Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES). O tempo de aplicação é de 8 minutos, aproximadamente.

Em anexo envio as escalas e os respetivos artigos de validação para a população portuguesa.

Antecipadamente grata, aguardo deferimento deste pedido.

Atenciosamente,

A Mestranda: Diana Ferreira

Anexo B – Pedido de autorização aos Encarregados de Educação

Exmo (a). Sr. ou Sra. Encarregado de Educação,

No âmbito da minha Dissertação de Mestrado, realizada no ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, e com a orientação do Prof. Doutor Csongor Juhos, proponho-me estudar “A Influência do Estilo Parental no Nível de Ansiedade Social e Autoestima em Adolescentes”. O objetivo é perceber a forma como os diferentes Estilos Educativos Parentais propostos por Diana Baumrind (1966) – democrático, autoritário, permissivo e negligente – podem influenciar tanto o nível de ansiedade social como o nível de autoestima nos adolescentes.

A recolha de dados será feita através do preenchimento do Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP), Escala de Ansiedade Social para Adolescentes (SAS-A), e Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES). O tempo de aplicação é de 8 minutos, aproximadamente. É garantida a confidencialidade e anonimato dos dados a todos os participantes.

Assim, venho pedir-lhe autorização para que o seu educando possa participar nesta investigação.

AUTORIZO ____ NÃO AUTORIZO ____ a participação do/a meu/minha educando/a no estudo “A Influência do Estilo Parental no Nível de Ansiedade Social e Autoestima em Adolescentes”.

Assinatura do Encarregado de Educação: _____

Anexo C – Questionário Sociodemográfico

Sexo: Feminino () Masculino ()

Idade: _____

Ano de escolaridade: _____

Com quem vives? _____

Anexo D – Questionário de Estilos Educativos Parentais (QEEP)

Para cada uma das afirmações que se seguem, assinala com uma cruz a coluna que melhor traduz o que se passa contigo.

	Discordo totalmente	Não concordo	Concordo	Concordo em absoluto
1a. Posso contar com o meu Pai para me ajudar se eu tiver algum problema				
2a. O meu Pai incita-me a dar o meu melhor em qualquer coisa que eu faça				
3a. O meu Pai incita-me a pensar pela minha cabeça				
4a. O meu Pai ajuda-me nos meus trabalhos escolares se houver alguma coisa que eu não compreenda				
5a. Quando o meu Pai pretende que eu faça alguma coisa, explica-me porquê				
1b. Posso contar com a minha Mãe para me ajudar se eu tiver algum problema				
2b. A minha Mãe incita-me a dar o meu melhor em qualquer coisa que eu faça				
3b. A minha Mãe incita-me a pensar pela minha cabeça				
4b. A minha Mãe ajuda-me nos meus trabalhos escolares se houver alguma coisa que eu não compreenda				
5b. Quando a minha Mãe pretende que eu faça alguma coisa, explica-me porquê				

Às questões que se seguem deves responder, assinalando a coluna correspondente à frequência com que ocorre.

	Nunca	Às vezes	Frequentemente	Sempre
6. Quando tens uma má nota na escola com que frequência os teus pais te encorajam a insistir para melhorar?				
7. Quando tens uma boa nota na escola com que frequência os teus pais te elogiam?				

* Adaptado por Barbosa-Ducharme, Cruz, Marinho & Grande (2006), a partir das Parenting Scales de Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbusch (1991), com autorização dos autores.

Com que frequência é que estas coisas acontecem na tua família?

	Quase todos os dias	Algumas vezes por semana	Algumas vezes por mês	Quase nunca
8. Os meus pais passam algum tempo só a conversar comigo				
9. A minha família faz qualquer coisa divertida em conjunto				

Até que ponto os teus pais TENTAM saber:

Responde assinalando a coluna que melhor se aplica a ti:

	Nada	Pouco	Bastante	Muito
10. Quem são os teus amigos				
11. Onde vais quando saís à noite				
12. O que fazes nos teus tempos livres				
13. Onde estás quando saís à tarde da escola				
14. Como gastas o teu dinheiro				

Até que ponto os teus pais REALMENTE sabem: Responde assinalando a coluna que melhor se aplica a ti:

	Nada	Pouco	Bastante	Muito
10. Quem são os teus amigos				
11. Onde vais quando saís à noite				
12. O que fazes nos teus tempos livres				
13. Onde estás quando saís à tarde da escola				
14. Como gastas o teu dinheiro				

Anexo E - Escala de Ansiedade Social para Adolescentes (SAS-A)

ESCALA DE ANSIEDADE SOCIAL PARA ADOLESCENTES

(SAS-A; La Greca & Lopez, 1998)

(Tradução e adaptação de M. Cunha, 2001)

Isto não é um teste, por isso não há respostas certas ou erradas. Por favor responde a cada item o mais sinceramente possível.

Utiliza os números de 1 a 5 de acordo com o quanto é que achas que cada afirmação tem a ver contigo.

- 1 = De forma nenhuma**
- 2 = Dificilmente tem a ver comigo**
- 3 = Algumas vezes**
- 4 = A maioria das vezes**
- 5 = Todas as vezes**

Vamos, agora, tentar responder primeiro a estas afirmações. Como é que cada uma descreve aquilo que tu gostas?

Faz um círculo à volta do número que escolheres para resposta.

a. Gosto das férias de Verão.....1 2 3 4 5

b. Gosto de comer espinafres1 2 3 4 5

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1. Preocupo-me se tiver que fazer alguma coisa nova à frente dos outros | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Gosto de fazer coisas com os meus amigos | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Preocupo-me com o facto de poder ser gozado(a) | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Sinto-me tímido(a) quando estou com pessoas que não conheço | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Só falo com pessoas que conheço realmente bem | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Sinto que os meus colegas falam de mim nas minhas costas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Gosto de ler | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Preocupo-me com o que os outros pensam de mim | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. Tenho medo que os outros possam não gostar de mim | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Fico nervoso(a) quando tenho que falar com colegas que não conheço bem | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Gosto de praticar desportos | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Preocupo-me com o que os outros dizem acerca de mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. Fico nervoso(a) quando conheço pessoas novas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. Preocupa-me que os outros não gostem de mim | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. Fico calado(a) quando estou num grupo de pessoas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 16. Gosto de fazer coisas sozinho(a) | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 17. Sinto que os outros fazem troça de mim | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 18. Quando discuto com alguém, preocupo-me com a possibilidade de a outra
pessoa não gostar de mim | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 19. Tenho medo de convidar outras pessoas para fazer qualquer coisa comigo
porque podem dizer que não..... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 20. Sinto-me nervoso(a) quando estou com certas pessoas | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 21. Sinto-me tímido(a) mesmo com colegas que conheço bem | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 22. É difícil para mim convidar outras pessoas para fazer coisas comigo | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Anexo F – Escala de Autoestima de Rosenberg (RSES)

RSES

Segue-se uma lista de afirmações que dizem respeito ao modo como se sente acerca de si próprio(a). À frente de cada uma delas assinale com uma cruz (X), na respectiva coluna, a resposta que mais se lhe adequa.

	Concordo fortemente	Concordo	Discordo	Discordo fortemente
1. Globalmente, estou satisfeito(a) comigo próprio(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Por vezes penso que não sou bom/boa em nada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Sinto que tenho algumas qualidades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Sou capaz de fazer as coisas tão bem como a maioria das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Sinto que não tenho muito de que me orgulhar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes sinto-me, de facto, um(a) inútil.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Sinto-me uma pessoa de valor, pelo menos tanto quanto a generalidade das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Gostaria de ter mais respeito por mim próprio(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Bem vistas as coisas, inclino-me a sentir que sou um(a) falhado(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Adopto uma atitude positiva para comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Autoria original de Morris Rosenberg.

Tradução supervisionada por Paulo Jorge Santos. Utilização exclusiva para investigação.

Anexo G – Estatística Descritiva

Género					
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
Valid 1	Feminino	45	61.6	61.6	61.6
2	Masculino	28	38.4	38.4	100.0
Total		73	100.0	100.0	

Output 1 – Frequências da variável Género

GP_Etario Grupo etário					
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
Valid 1	12-14 anos	31	42.5	42.5	42.5
2	15-18 anos	42	57.5	57.5	100.0
Total		73	100.0	100.0	

Output 2 – Frequências da variável Grupo Etário

Ano_escolaridade				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 7	5	6.8	6.8	6.8
8	21	28.8	28.8	35.6
9	7	9.6	9.6	45.2
10	3	4.1	4.1	49.3
11	12	16.4	16.4	65.8
12	25	34.2	34.2	100.0
Total		73	100.0	100.0

Output 3 – Frequências da variável Ano de Escolaridade

Com quem vive					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Família nuclear	63	86.3	86.3	86.3
	2 Um dos progenitores (pai)	2	2.7	2.7	89.0
	3 Um dos progenitores (mãe)	6	8.2	8.2	97.3
	4 Não família nuclear	1	1.4	1.4	98.6
	5 Família alargada	1	1.4	1.4	100.0
	Total	73	100.0	100.0	

Output 4 – Frequências da variável Agregado Familiar

Estilo Parental Estilo parental					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 Democrático	33	45.2	45.2	45.2
	2 Autoritário	12	16.4	16.4	61.6
	3 Permissivo	6	8.2	8.2	69.9
	4 Negligente	22	30.1	30.1	100.0
	Total	73	100.0	100.0	

Output 5 – Frequências da variável Estilo Parental

RSES_Autoestima_TOTAL Autoestima SAS_Ans_social_TOTAL Ansiedade social * Género			
		RSES_Autoestima_TOTAL	SAS_Ans_social_TOTAL Ansiedade
Género		Autoestima	social
1 Feminino	N	45	45
	Mean	16.16	54.96
	Std. Deviation	5.768	13.457
	Minimum	2	23
	Maximum	30	83
	<hr/>		
2 Masculino	N	28	28
	Mean	21.00	46.79
	Std. Deviation	5.748	13.579
	Minimum	5	21
	Maximum	29	73
	<hr/>		
Total	N	73	73
	Mean	18.01	51.82
	Std. Deviation	6.192	13.993
	Minimum	2	21
	Maximum	30	83
	<hr/>		

Output 6 – Estatística Descritiva das variáveis Autoestima e Ansiedade Social em cada Género

RSES_Autoestima_TOTAL Autoestima SAS_Ans_social_TOTAL Ansiedade social * GP_Etario Grupo etário

GP_Etario Grupo etário		RSES_Autoestima_TOTAL Autoestima	SAS_Ans_social_TOTAL Ansiedade social
1 12-14 anos	N	31	31
	Mean	18.61	52.74
	Std. Deviation	5.655	13.236
	Minimum	5	32
	Maximum	29	82
2 15-18 anos	N	42	42
	Mean	17.57	51.14
	Std. Deviation	6.593	14.648
	Minimum	2	21
	Maximum	30	83
Total	N	73	73
	Mean	18.01	51.82
	Std. Deviation	6.192	13.993
	Minimum	2	21
	Maximum	30	83

Output 7 – Estatística Descritiva das variáveis Autoestima e Ansiedade Social em cada Grupo Etário

RSES_Autoestima_TOTAL Autoestima SAS_Ans_social_TOTAL Ansiedade social * Estilo_Parental

		Estilo parental	
		RSES_Autoestima_TOTAL	SAS_Ans_social_TOTAL Ansiedade
Estilo_Parental	Estilo parental	Autoestima	social
1 Democrático	N	33	33
	Mean	18.67	51.94
	Std. Deviation	6.024	11.680
	Minimum	2	23
	Maximum	30	77
2 Autoritário	N	12	12
	Mean	15.67	56.67
	Std. Deviation	6.272	12.673
	Minimum	5	32
	Maximum	25	82
3 Permissivo	N	6	6
	Mean	21.00	50.33
	Std. Deviation	6.164	18.544
	Minimum	13	33
	Maximum	27	75
4 Negligente	N	22	22
	Mean	17.50	49.41
	Std. Deviation	6.315	16.652
	Minimum	3	21
	Maximum	28	83
Total	N	73	73
	Mean	18.01	51.82
	Std. Deviation	6.192	13.993
	Minimum	2	21
	Maximum	30	83

Output 8 – Estatística Descritiva das variáveis Autoestima e Ansiedade Social em cada Estilo Parental

Anexo H - Outputs relativos à Validade Interna e à Fiabilidade, de cada um dos três instrumentos em estudo

Total Variance Explained									
Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
	1	8.028	42.252	42.252	8.028	42.252	42.252	5.166	27.191
2	1.975	10.396	52.648	1.975	10.396	52.648	4.837	25.458	52.648
3	1.278	6.725	59.374						
4	1.196	6.296	65.670						
5	1.083	5.702	71.372						
6	.968	5.095	76.466						
7	.607	3.197	79.664						
8	.571	3.005	82.669						
9	.548	2.886	85.555						
10	.498	2.620	88.175						
11	.454	2.390	90.565						
12	.365	1.919	92.484						
13	.325	1.709	94.193						
14	.287	1.512	95.705						
15	.248	1.303	97.008						
16	.228	1.201	98.210						
17	.159	.835	99.045						
18	.110	.579	99.623						
19	.072	.377	100.000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Output 9 - Variância Total Explicada do instrumento Estilo Parental

Rotated Component Matrix^a

	Component	
	1	2
EP1	.832	.136
EP2	.767	.137
EP8	.721	.249
EP5	.664	.147
EP9	.649	.231
EP6	.642	.279
EP7	.635	.268
EP4	.631	.407
EP3	.630	.149
EP10T	.450	.398
EP13T	.195	.837
EP13S	.335	.780
EP12S	.266	.770
EP11S	.169	.746
EP11T	.106	.669
EP12T	.273	.646
EP10S	.467	.567
EP14T	.097	.520
EP14S	.359	.501

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.^a

a. Rotation converged in 3 iterations.

Output 10 – Matriz de componente rotativa do instrumento Estilo Parental

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
.918	19

Output 11 - Alfa de Cronbach do instrumento Estilo Parental

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EP1	55,0959	109,602	,627	,914
EP2	55,1096	110,148	,583	,915
EP3	55,1301	111,639	,481	,916
EP4	55,8082	103,164	,690	,911
EP5	55,6370	108,912	,527	,915
EP6	55,4795	104,913	,592	,913
EP7	55,4795	104,941	,590	,913
EP8	55,8356	100,882	,625	,913
EP9	56,2603	103,077	,575	,914
EP10T	55,6301	106,827	,540	,915
EP11T	55,4110	106,044	,499	,916
EP12T	55,8630	105,335	,611	,913
EP13T	55,9589	101,755	,683	,911
EP14T	55,8082	107,734	,393	,919
EP10S	55,5068	104,983	,674	,912
EP11S	55,4110	104,933	,599	,913
EP12S	55,6301	103,827	,679	,911
EP13S	55,7397	100,869	,744	,909
EP14S	55,5342	104,981	,560	,914

Output 12 - Estatísticas de item-total do instrumento Estilo Parental

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
.872	9

Output 13 - Alfa de Cronbach da dimensão Responsividade do instrumento Estilo Parental

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EP1	24.7397	24.556	.722	.855
EP2	24.7534	24.890	.662	.859
EP3	24.7740	25.979	.486	.869
EP4	25.4521	21.994	.676	.851
EP5	25.2808	24.215	.592	.860
EP6	25.1233	22.589	.599	.859
EP7	25.1233	22.311	.635	.856
EP8	25.4795	19.927	.708	.851
EP9	25.9041	21.123	.639	.857

Output 14 - Estatísticas de item-total da dimensão Responsividade do instrumento Estilo Parental

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
.886	10

Output 15 - Alfa de Cronbach da dimensão Supervisão do instrumento Estilo Parental

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EP10T	27,3014	37,713	,477	,884
EP11T	27,0822	36,049	,546	,880
EP12T	27,5342	36,058	,629	,874
EP13T	27,6301	33,097	,779	,862
EP14T	27,4795	36,836	,450	,888
EP10S	27,1781	36,426	,634	,874
EP11S	27,0822	35,576	,638	,873
EP12S	27,3014	34,713	,747	,866
EP13S	27,4110	33,440	,763	,863
EP14S	27,2055	36,082	,549	,880

Output 16 - Estatísticas de item-total da dimensão Supervisão do instrumento Estilo Parental

Total Variance Explained

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
	1	7,721	42,894	42,894	7,721	42,894	42,894	4,734	26,298
2	1,988	11,042	53,936	1,988	11,042	53,936	3,570	19,831	46,129
3	1,365	7,585	61,521	1,365	7,585	61,521	2,771	15,392	61,521
4	1,083	6,019	67,540						
5	,788	4,378	71,918						
6	,739	4,105	76,023						
7	,662	3,679	79,702						
8	,614	3,409	83,111						
9	,552	3,066	86,176						
10	,471	2,618	88,795						
11	,460	2,556	91,351						
12	,350	1,947	93,298						
13	,301	1,670	94,968						
14	,263	1,463	96,432						
15	,212	1,176	97,608						
16	,168	,933	98,540						
17	,160	,891	99,431						
18	,102	,569	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Output 17 - Variância Total Explicada do instrumento Ansiedade Social

Rotated Component Matrix^a

	Component		
	1	2	3
AS12	,907	,143	,109
AS9	,868	-,030	,253
AS14	,850	,089	,223
AS8	,812	,257	,212
AS3	,659	,501	-,058
AS18	,518	,293	,436
AS17	,468	,396	,365
AS5	-,097	,721	-,023
AS13	,352	,698	,275
AS15	,007	,620	,451
AS4	,421	,618	,134
AS10	,181	,586	,356
AS6	,366	,532	,052
AS1	,422	,435	,219
AS22	,125	,107	,838
AS19	,295	,026	,762
AS21	,073	,428	,528
AS20	,303	,440	,488

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.^a

a. Rotation converged in 6 iterations.

Output 18 – Matriz de componente rotativa do instrumento Ansiedade Social

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,919	18

Output 19 - Alfa de Cronbach do instrumento Ansiedade Social

Estatísticas de item-total				
	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
AS1	48,2740	178,118	,581	,915
AS3	48,3973	169,798	,652	,913
AS4	48,2603	173,084	,645	,913
AS5	48,9178	186,521	,288	,921
AS6	49,1233	178,276	,515	,917
AS8	48,5890	168,968	,754	,910
AS9	48,7123	170,874	,623	,914
AS10	49,0137	176,430	,570	,915
AS12	48,6438	171,816	,698	,912
AS13	48,8082	172,074	,719	,912
AS14	48,8356	173,223	,680	,913
AS15	49,3151	178,024	,515	,917
AS17	49,3562	174,260	,663	,913
AS18	49,0274	173,444	,669	,913
AS19	49,4521	178,362	,513	,917
AS20	48,8630	175,925	,633	,914
AS21	49,7808	178,924	,489	,917
AS22	49,6027	180,771	,483	,917

Output 20 - Estatísticas de item-total do instrumento Ansiedade Social

Reliability Statistics	
<u>Cronbach's Alpha</u>	<u>N of Items</u>
,910	6

Output 21 - Alfa de Cronbach da dimensão Medo da avaliação negativa do instrumento Ansiedade Social

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
AS3	15,3014	29,325	,644	,910
AS8	15,4932	28,198	,829	,881
AS9	15,6164	27,406	,798	,886
AS12	15,5479	28,307	,869	,877
AS14	15,7397	29,417	,806	,886
AS18	15,9315	32,009	,576	,916

Output 22 – Estatística do item-total da dimensão Medo da avaliação negativa do instrumento Ansiedade Social

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,745	5

Output 23 - Alfa de Cronbach da dimensão Desconforto e Evitamento Social Geral do instrumento Ansiedade Social

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
AS19	9,4247	11,109	,503	,702
AS21	9,7534	11,661	,415	,735
AS22	9,5753	11,192	,569	,679
AS6	9,0959	11,643	,423	,731
AS17	9,3288	10,279	,648	,646

Output 24 – Estatística do item-total da dimensão Desconforto e Evitamento Social Geral do instrumento Ansiedade Social

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,837	7

Output 25 - Alfa de Cronbach da dimensão Desconforto e Evitamento Social em Situações Novas do instrumento Ansiedade Social

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
AS1	17,7534	25,799	,532	,823
AS4	17,7397	23,473	,636	,807
AS5	18,3973	27,382	,389	,842
AS10	18,4932	23,976	,631	,808
AS13	18,2877	22,819	,751	,787
AS15	18,7945	24,277	,598	,813
AS20	18,3425	25,089	,574	,817

Output 26 – Estatística do item-total da dimensão Desconforto e Evitamento Social em Situações Novas do instrumento Ansiedade Social

Total Variance Explained						
Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	5,412	54,122	54,122	5,412	54,122	54,122
2	,993	9,933	64,055			
3	,798	7,983	72,039			
4	,712	7,118	79,157			
5	,491	4,911	84,069			
6	,426	4,255	88,324			
7	,391	3,907	92,231			
8	,315	3,146	95,377			
9	,283	2,830	98,207			
10	,179	1,793	100,000			

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Output 27 - Variância Total Explicada do instrumento Autoestima

Component Matrix^a

Component

1

AE2	,839
AE6	,810
AE9	,805
AE3	,792
AE1	,769
AE7	,754
AE5	,751
AE10	,691
AE4	,590
AE8	,477

Extraction Method: Principal Component Analysis.

a. 1 components extracted.

Output 28 – Matriz do Componente do instrumento Autoestima

Estadísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	N de itens
,898	10

Output 29 - Alfa de Cronbach do instrumento

Estadísticas de item-total

	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
AE1	15,9589	31,734	,681	,887
AE2	16,6164	29,156	,795	,878
AE3	15,7260	32,202	,712	,886
AE4	16,1096	33,210	,510	,896
AE5	16,3973	30,715	,663	,887
AE6	16,3151	29,080	,757	,880
AE7	16,0274	32,194	,672	,888
AE8	16,7534	32,522	,410	,906
AE9	16,0959	29,116	,749	,881
AE10	16,0000	32,028	,599	,891

Output 30 – Estatística do item-total do instrumento Autoestima

Anexo I – Outputs relativos aos Testes Estatísticos

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: Ans_social_total Ansiedade social

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	2245.206 ^a	7	320.744	1.759	.111	.159
Intercept	118651.005	1	118651.005	650.637	.000	.909
Estilo_Parental	322.574	3	107.525	.590	.624	.026
Género	1076.351	1	1076.351	5.902	.018	.083
Estilo_Parental * Género	710.728	3	236.909	1.299	.282	.057
Error	11853.479	65	182.361			
Total	210141.000	73				
Corrected Total	14098.685	72				

a. R Squared = ,159 (Adjusted R Squared = ,069)

Output 31 – Modelo da Anova Two-Way relativa à Ansiedade Social em função das variáveis Estilos Parentais, Género e, a sua interação

Estimates

Dependent Variable: Ans_social_total Ansiedade social

Género	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
1 Feminino	56.373	2.468	51.443	61.302
2 Masculino	46.568	3.193	40.191	52.945

Output 32 – Médias da Ansiedade Social de cada grupo da variável Género

Univariate Tests

Dependent Variable: Ans_social_total Ansiedade social

Estilo parental		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
1 Democrático	Contrast	1.823	1	1.823	.010	.921	.000
	Error	11853.479	65	182.361			
2 Autoritário	Contrast	295.010	1	295.010	1.618	.208	.024
	Error	11853.479	65	182.361			
3 Permissivo	Contrast	234.083	1	234.083	1.284	.261	.019
	Error	11853.479	65	182.361			
4 Negligente	Contrast	1290.802	1	1290.802	7.078	.010	.098
	Error	11853.479	65	182.361			

Each F tests the simple effects of Género within each level combination of the other effects shown. These tests are based on the linearly independent pairwise comparisons among the estimated marginal means.

Output 33 – Modelo da ANOVA relativa à Ansiedade Social em função de cada grupo da variável Estilo Parental consoante cada grupo da variável Género

Estimates

Dependent Variable: Ans_social_total Ansiedade social

Estilo parental	Género	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
				Lower Bound	Upper Bound
1 Democrático	1 Feminino	52.083	2.757	46.578	57.588
	2 Masculino	51.556	4.501	42.566	60.545
2 Autoritário	1 Feminino	60.857	5.104	50.664	71.051
	2 Masculino	50.800	6.039	38.739	62.861
3 Permissivo	1 Feminino	54.750	6.752	41.265	68.235
	2 Masculino	41.500	9.549	22.430	60.570
4 Negligente	1 Feminino	57.800	4.270	49.271	66.329
	2 Masculino	42.417	3.898	34.631	50.202

Output 34 – Médias da Ansiedade Social de cada grupo da variável Estilo Parental consoante cada grupo da variável Género

Tests of Between-Subjects Effects

Dependent Variable: Autoestima_total Autoestima

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	Partial Eta Squared
Corrected Model	681.758 ^a	7	97.394	3.045	.008	.247
Intercept	15886.400	1	15886.400	496.634	.000	.884
Estilo_Parental	237.192	3	79.064	2.472	.070	.102
Género	398.542	1	398.542	12.459	.001	.161
Estilo_Parental * Género	47.495	3	15.832	.495	.687	.022
Error	2079.229	65	31.988			
Total	26449.000	73				
Corrected Total	2760.986	72				

a. R Squared = ,247 (Adjusted R Squared = ,166)

Output 35 – Modelo da Anova Two-Way relativa à Autoestima em função das variáveis Estilos Parentais, Género e, a sua interação

Estimates

Dependent Variable: Autoestima_total Autoestima

Género	Mean	Std. Error	95% Confidence Interval	
			Lower Bound	Upper Bound
1 Feminino	15.851	1.034	13.786	17.915
2 Masculino	21.817	1.337	19.146	24.487

Output 36 – Médias da Autoestima de cada grupo da variável Género

ANOVA

		Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	Sig.
Ansiedade social	Entre Grupos	3294,963	4	823,741	5,185	,001
	Nos grupos	10803,722	68	158,878		
	Total	14098,685	72			
Autoestima	Entre Grupos	643,431	4	160,858	5,166	,001
	Nos grupos	2117,556	68	31,141		
	Total	2760,986	72			

Output 37 – Modelo da Anova One-Way relativa à Ansiedade Social e à Autoestima em função da variável Agregado Familiar

Descritivas

		N	Média	Desvio Padrão	Erro Padrão	Intervalo de confiança de 95% para média		Mínimo	Máximo
						Limite inferior	Limite superior		
Ansiedade social	1	63	51,78	12,558	1,582	48,62	54,94	24	82
	2	2	40,00	14,142	10,000	-87,06	167,06	30	50
	3	6	66,17	12,859	5,250	52,67	79,66	46	83
	4	1	23,00	23	23
	5	1	21,00	21	21
	Total	73	51,82	13,993	1,638	48,56	55,09	21	83
Autoestima	1	63	18,56	5,512	,694	17,17	19,94	5	30
	2	2	24,50	4,950	3,500	-19,97	68,97	21	28
	3	6	9,50	6,473	2,643	2,71	16,29	2	18
	4	1	13,00	13	13
	5	1	27,00	27	27
	Total	73	18,01	6,192	,725	16,57	19,46	2	30

Output 38 – Médias da Ansiedade Social e da Autoestima de cada grupo da variável Agregado Familiar

Chi-Square Tests						
	Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2- sided)	Exact Sig. (1- sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	8.505 ^a	3	.037	.036		
Likelihood Ratio	8.924	3	.030	.042		
Fisher's Exact Test	8.305			.037		
Linear-by-Linear Association	7.599 ^b	1	.006	.006	.003	.002
N of Valid Cases	73					

a. 2 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,55.

b. The standardized statistic is 2,757.

Output 39 – Modelo do teste Qui-Quadrado relativo à percepção do Estilo Parental nos diferentes Grupos Etários

GP_Etario Grupo etário * Estilo_Parental Estilo parental Crosstabulation							
			Estilo_Parental Estilo parental				
			1	2	3	4	
			Democratico	Autoritario	Permissivo	Negligente	Total
GP_Etario	1 12-14	Count	19	6	1	5	31
Grupo etário	anos	% within GP_Etario	61.3%	19.4%	3.2%	16.1%	100.0%
Grupo etário							
Adjusted Residual			2.4	.6	-1.3	-2.2	
GP_Etario	2 15-18	Count	14	6	5	17	42
Grupo etário	anos	% within GP_Etario	33.3%	14.3%	11.9%	40.5%	100.0%
Grupo etário							
Adjusted Residual			-2.4	-.6	1.3	2.2	
Total		Count	33	12	6	22	73
		% within GP_Etario	45.2%	16.4%	8.2%	30.1%	100.0%
Grupo etário							

Output 40 – Tabela de contingência relativa à percepção do Estilo Parental nos diferentes Grupos Etários

Chi-Square Tests

Género		Value	df	Asymptotic Significance (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
1 Feminino	Pearson Chi-Square	5.078 ^c	3	.166	.167		
	Likelihood Ratio	6.404	3	.094	.131		
	Fisher's Exact Test	4.588			.197		
	Linear-by-Linear Association	2.259 ^d	1	.133	.169	.083	.034
	N of Valid Cases	45					
2 Masculino	Pearson Chi-Square	12.119 ^e	3	.007	.004		
	Likelihood Ratio	15.675	3	.001	.002		
	Fisher's Exact Test	13.106			.001		
	Linear-by-Linear Association	9.825 ^f	1	.002	.001	.001	.001
	N of Valid Cases	28					
Total	Pearson Chi-Square	8.505 ^a	3	.037	.036		
	Likelihood Ratio	8.924	3	.030	.042		
	Fisher's Exact Test	8.305			.037		
	Linear-by-Linear Association	7.599 ^b	1	.006	.006	.003	.002
	N of Valid Cases	73					

- a. 2 cells (25,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,55.
 b. The standardized statistic is 2,757.
 c. 5 cells (62,5%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,42.
 d. The standardized statistic is 1,503.
 e. 6 cells (75,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,93.
 f. The standardized statistic is 3,135.

Output 41 – Modelo do teste Qui-Quadrado relativo à percepção do Estilo Parental nos diferentes Grupos Etários em função de cada grupo da variável Género

GP_Etario Grupo etário * Estilo_Parental Estilo parental * Género Crosstabulation

			Estilo_Parental Estilo parental					
			1	2	3	4	Total	
Género			Democratico	Autoritario	Permissivo	Negligente		
1 Feminino	GP_Etario Grupo etário	1 12- anos	Count	10	4	0	2	16
		14	% within GP_Etario Grupo etário	62.5%	25.0%	0.0%	12.5%	100.0%
			Adjusted Residual	.9	1.3	-1.6	-1.2	
		<hr/>						
		2 15- 18 anos	Count	14	3	4	8	29
			% within GP_Etario Grupo etário	48.3%	10.3%	13.8%	27.6%	100.0%
			Adjusted Residual	-.9	-1.3	1.6	1.2	
	<hr/>							
		Total	Count	24	7	4	10	45
			% within GP_Etario Grupo etário	53.3%	15.6%	8.9%	22.2%	100.0%
	<hr/>							
	<hr/>							
2 Masculino	GP_Etario Grupo etário	1 12- anos	Count	9	2	1	3	15
		14	% within GP_Etario Grupo etário	60.0%	13.3%	6.7%	20.0%	100.0%
			Adjusted Residual	3.4	-.7	-.1	-2.6	
		<hr/>						
		2 15- 18 anos	Count	0	3	1	9	13
			% within GP_Etario Grupo etário	0.0%	23.1%	7.7%	69.2%	100.0%
			Adjusted Residual	-3.4	.7	.1	2.6	
	<hr/>							
		Total	Count	9	5	2	12	28
			% within GP_Etario Grupo etário	32.1%	17.9%	7.1%	42.9%	100.0%
	<hr/>							
	<hr/>							
Total	GP_Etario Grupo etário	1 12- anos	Count	19	6	1	5	31
		14	% within GP_Etario Grupo etário	61.3%	19.4%	3.2%	16.1%	100.0%

	Adjusted	2.4	.6	-1.3	-2.2	
	Residual					
2 15-	Count	14	6	5	17	42
18	% within	33.3%	14.3%	11.9%	40.5%	100.0%
anos	GP_Etario					
	Grupo etário					
	Adjusted	-2.4	-.6	1.3	2.2	
	Residual					
Total	Count	33	12	6	22	73
	% within	45.2%	16.4%	8.2%	30.1%	100.0%
	GP_Etario					
	Grupo etário					

Output 42 – Tabela de contingência relativa à percepção do Estilo Parental nos diferentes Grupos Etários em função de cada grupo da variável Género